



**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**ISLEN BARBOSA RAMOS MACHADO**

**OS CORPOS NEGROS DOS ALUNOS TRABALHADORES  
NO PROEJA: NARRATIVAS DE LUTAS, DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES**

Rio de Janeiro

2023

**ISLEN BARBOSA RAMOS MACHADO**

**OS CORPOS NEGROS DOS ALUNOS TRABALHADORES NO PROEJA:  
NARRATIVAS DE LUTAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Dissertação de Mestrado e Produto Educacional apresentados ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Trevisano de Barros

Rio de Janeiro

2023

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

M149 Machado, Islen Barbosa Ramos

Os corpos negros dos alunos trabalhadores no PROEJA : narrativas de lutas, desafios e possibilidades / Islen Barbosa Ramos Machado. - Rio de Janeiro, 2023.

104 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Rodrigo Trevisano de Barros.

1. Educação de jovens e adultos (EJA). 2. Educação étnico-racial. 3. Negros – Educação. 4. Negros – Emprego. 5. Negros – Condições sociais. 5. PROEJA. 6. Educação para o trabalho. I. Barros, Rodrigo Trevisano de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 374

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.



**COLÉGIO PEDRO II**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



---

**ISLEN BARBOSA RAMOS MACHADO**

**OS CORPOS NEGROS DOS ALUNOS TRABALHADORES NO PROEJA: NARRATIVAS**  
**DE LUTAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em de outubro de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo Trevisano  
Colégio Pedro II  
Orientador

---

Profa. Dra. Graça Reis  
UFRJ-CAp Lagoa

---

Profa. Dra. Jonê Baião  
UERJ-CAp

---

Prof. Dr. Leonardo Leônidas  
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro  
2023



**COLÉGIO PEDRO II**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



---

**ISLEN BARBOSA RAMOS MACHADO**

**OS CORPOS NEGROS DOS TRABALHADORES NO PROEJA: NARRATIVAS DE LUTAS,  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em      de setembro de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo Trevisano  
Colégio Pedro II  
Orientador

---

Profa. Dra. Graça Reis  
UFRJ-CAp Lagoa

---

Profa. Dra. Jonê Baião  
UERJ-CAp

---

Prof. Dr. Leonardo Lêonidas  
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro  
2023

Dedico esta dissertação à minha avó-mãe, mulher preta, trabalhadora, que teve sua infância roubada como doméstica, servindo a branquitude. Sonhava em ser aluna e professora, o pouco que sabia compartilhava. Não realizou o sonho de ser aluna, mas hoje como professora e mestra, nos lugares que eu pisar, quero deixar suas marcas de resistência, luta, generosidade e muito amor.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que com sua bondade e graça, enxugou minhas lágrimas e segurou meus medos tornando realidade o sonho do mestrado. No meu coração terá sempre um hino de louvor e gratidão ao seu maravilhoso amor. **“Sim, grandes coisas fez o Senhor, por isso estou alegre”** (Salmos 126.3).

Aos alunos do curso Técnico de Administração do Programa de Educação Tecnológica e Profissional integrados ao Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos (Proeja), que durante algumas terças feiras me acolheram em suas vidas e reforçam minha responsabilidade ética e política na luta racial em busca da liberdade. A utopia faz parte de quem eu sou.

Ao Rodrigo Trevisano, pela orientação responsiva, sempre respeitosa, acolhedora, humana e essencial.

Ao meu esposo, Gláucio Machado, por seu companheirismo, lealdade, sua escuta amorosa e por entender a importância desse momento, renunciando minha presença nas saídas dos fins de semanas, dividindo os cuidados domésticos e, por tantas vezes, levar nosso filho sozinho nas terapias; sem seu apoio eu não teria conseguido. Te amo, meu amor.

Ao meu filho, Adriel Machado, por seu carinho e muitos beijos rompendo o isolamento e trazendo afeto na escrita da dissertação.

À professora Graça Reis, por quem tenho um enorme carinho, pelo convite afetuoso para participar do Grupo de Pesquisa e Extensão: conversas entre professores: alteridades e singularidades (ConPAS) e pelo aceite para participar da minha banca de defesa. Também por achar relevante a minha pesquisa e me convidar para fazer o encerramento do curso na perspectiva antirracista no CAp/UFRJ. Um afeto tecido em 2018 e que se corporifica no presente. Obrigada, querida professora!

À professora Jonê Baião, mulher preta, trabalhadora, representante singular na academia, pela generosidade em forma de presença e palavras na banca de qualificação e agora na defesa da dissertação.

Ao querido Leonardo Leônidas, coordenador do ProfEPT e professor de História do Proeja, por sua confiança ao possibilitar minha presença em suas aulas.

À Waysa, companheira de sonhos, lutas, choros e esperanças. Conseguimos!

Ao colega de mestrado Samuel Barbosa, por ter me socorrido com as documentações necessárias para a minha submissão à Plataforma Brasil, sua generosidade foi fundamental.

À Kátia Barbosa, minha amiga de todas as horas, sempre se importando e fazendo questão de acompanhar esse processo do mestrado, por entender minhas ausências e pelo cuidado afetivo e espiritual. Obrigada pela amizade e pelos cafés, amo você.

À Bruna Molisani, chegou em minha vida no momento doloroso da pandemia, e, desde então, me ilumina com músicas, cafés, sorrisos, presença, poesias e partilhas de livros. Sua amizade cotidiana é um cuidado de Deus.

À minha sogra, Zenilda, por cuidar do meu filho quando precisava ir a campo.

À Izabel Farias, uma amiga carinhosa, professora da Educação Básica e parceira do grupo de pesquisa ConPAS, suas palavras amorosas têm alimentado meu coração de esperança. Sua amizade é muito especial!

“Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração”.

(Nelson Mandela)

## RESUMO

MACHADO, Islen Barbosa Ramos. **Os corpos negros dos alunos trabalhadores no Proeja**: narrativas teóricas, desafios e possibilidades. 104p. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Pro-Reitoria de Pós- Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

A presente pesquisa tem como objetivo conhecer, por meio de levantamento, a realidade racial vivida no PROEJA do Colégio Pedro II, fazendo um paralelo com estudos sobre as relações raciais no Brasil, a partir deles construir propostas de representatividade no espaço escolar da Educação Profissional Tecnológica através de um ebook formativo: vidas pretas trabalhadoras percebendo-se, a delimitação desse perfil étnico racial foi conectada com as percepções de quatro obras amplamente estudadas na área e os discursos dessa pesquisadora que conduz a investigação. Sustentamos que os cursos de proeja oferecidos pelo colégio é predominantemente preto e pardo o que insere a formação dessa classe trabalhadora historicamente silenciada no centro dos debates étnico-raciais. Esses trabalhadores pretos e pardos, são marcados pela invisibilidade, microagressões raciais cotidianas e silenciados nos espaços sociais. Nesse sentido, busca-se problematizar qual é o papel dos discursos étnico raciais na construção de representatividade. Como percurso metodológico, nossa investigação assume três abordagens, ela é exploratória, qualitativa e bibliográfica. Temáticas como identidade racial, formação do trabalhador na EJA-EPT (Proeja) e gêneros do discurso na Educação Profissional e Tecnológica serão discutidas ao longo deste trabalho, tendo como aporte teórico-metodológicos, autores como Bakhtin e bell hooks. O método adotado para o desenvolvimento da pesquisa contará com as narrativas dos autores selecionados, assim como os dados públicos através do portal CPEI em números. O produto educacional será um ebook formativo construído através dos debates étnico raciais trazidos pelos autores negros e de representatividade étnico racial dos estudantes trabalhadores do proeja do Colégio Pedro II.

**Palavras-chave:** Proeja; discursos étnico-raciais; mundo do trabalho.

## ABSTRACT

MACHADO, Islen Barbosa Ramos. The **black bodies of working students at Proeja**: theoretical narratives, challenges and possibilities. 104p. 2023. Dissertation (Professional Master's Degree in Professional and Technological Education) – Dean of Graduate Studies, Research, Extension and Culture, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

The present research aims to know, through a survey, the racial reality experienced in PROEJA of Colégio Pedro II, making a parallel with studies on racial relations in Brazil, from them to build proposals of representativeness in the school space of Technological Professional Education through a formative ebook: black worker lives perceiving themselves, The delimitation of this ethnic-racial profile was connected with the perceptions of four widely studied works in the area and the discourses of this researcher who conducts the investigation. We maintain that the proeja courses offered by the school are predominantly black and brown, which places the formation of this historically silenced working class at the center of ethnic-racial debates. These black and brown workers are marked by invisibility, daily racial microaggressions and silenced in social spaces. In this sense, it seeks to problematize the role of ethnic-racial discourses in the construction of representation. As a methodological path, our investigation assumes three approaches, it is exploratory, qualitative and bibliographic. Themes such as racial identity, worker training in EJA-EPT (Proeja) and discourse genres in Professional and Technological Education will be discussed throughout this work, having as theoretical-methodological contribution, authors such as Bakhtin and bell hooks. The method adopted for the development of the research will rely on the narratives of the selected authors, as well as public data through the CPEI portal in numbers. The educational product will be a formative ebook built through the ethnic-racial debates brought by the black authors and the ethnic-racial representativeness of the student workers of the proeja of Colégio Pedro II.

**Keywords:** Proeja; ethnic-racial; discourses; world of work.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abnt – Associação Brasileira de Norma Técnicas

ADD – Análise Dialógica do Discurso

Alfasol – Alfabetização Solidária

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa

CAp – Escola de Educação Aplicada

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Cecierj – Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

ConPAS– Conversas entre Professores: alteridades e singularidades

CPII – Colégio Pedro II

EB – Educação Básica

EF – Ensino Fundamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EJA-EPT – Programa da Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional

EM – Ensino Médio

EMI – Ensino Médio Integrado à Educação Profissional

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

Fundeb – Fundo Nacional da Educação Básica

Fundef – Fundo Nacional do Ensino Fundamental

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFs – Institutos Federais de Educação

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

MNU – Movimento Negro Unificado

Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização

Nasa – National Aeronautics and Space Administration

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE – Plano Nacional de Educação

Proeja – Programa de Educação Tecnológica e Profissional integrada ao Ensino Médio

ProfEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

Pronatec – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

RFEP – Redes Federais de Educação Profissional

Sesc – Serviço Social do Comércio

Sesi – Serviço Social da Indústria

Setec – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE IMAGENS E TABELAS

Imagem 1: Infográfico das microagressões raciais .....	22
Imagem 2: Apresentando a pesquisa nas redes sociais do grupo de Conversas entre Professores: Alteridades e Singularidades .....	26
Tabela 1: Anos de estudo .....	31
Tabela 2: Média de anos de estudo.....	32
Imagem 3: Expansão da Rede Federal de EPT em unidades.....	37
Imagem 4: Infográfico Marco-Temporal das Políticas Públicas .....	38
Imagem 5: Taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais .....	43
Imagem 6: Nível de instrução das pessoas com 25 anos ou mais.....	44
Tabela 3: 47,9% das pessoas com 15 anos ou mais que não frequentam a escola nãoconcluíram o Ensino Médio .....	46
Tabela 4: Número de matrículas na EJA – Brasil – 2010 e 2020.....	47
Tabela 5 : Número de matrículas na EJA de Nível Fundamental – Brasil – 2010 e 2020 .....	47
Tabela 6: Número de matrículas na EJA de Nível Médio – Brasil – 2010 e 2020 .....	47
Tabela 7: Porcentagem de matrículas na EJA integradas à Educação Profissional – Brasil –2010-2020.....	48
Imagem 7: Mapa mental da ADD.....	65
Tabela 8: Dados étnico-raciais dos estudantes do ensino médio regular do Colégio Pedro II em 2021 .....	75
Tabela 9: Dados étnico-raciais dos estudantes do ensino médio do ColégioPedro II em 2021.....	77
Tabela 10: Dados étnico-raciais dos estudantes do Proeja e ensino médio regular do Colégio Pedro II em 2021.....	78
Imagem 8: Temas para análise do discurso.....	81
Imagem 9: Roda de conversa no fechamento da disciplina do curso da UFRJ sobre educação antirracista .....	89
Imagem 10: Divulgação nas redes sociais sobre a pesquisa no grupo ConPAS.....	89
Imagem 11: Participação no II Encontro de Pesquisa Narrativa na Roda de conversa do Eixo da educação antirracista.....	90

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 Contexto do estudo .....	18
1.2 Objetivo Geral .....	18
1.3 Objetivos Específicos .....	18
1.4 Problema de Pesquisa .....	19
1.5 Hipótese.....	19
1.6 Justificativa .....	20
1.7 Critério de Inclusão .....	23
1.8 Critério de Exclusão .....	23
1.9 Riscos .....	23
1.10 Benefícios .....	23
1.11 Serendipidade! .....	24
<b>2 O PAPEL DO PROEJA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL CRÍTICA .....</b>	<b>29</b>
2.1 O PROEJA na educação profissional .....	42
2.2 Enunciados que fazem parte desse cenário racial.....	49
2.3 Os itinerários discursivos dos alunos negros do Proeja.....	51
2.4 Um diálogo sobre raça, racismo e etnia .....	56
2.5 Legislação das leis antirracistas no Brasil .....	57
2.6 Estatuto da Igualdade Racial.....	59
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>62</b>
3.1 O percurso metodológico .....	62
<b>4 O PRODUTO EDUCACIONAL – E-BOOK: MEMORIAL BIOGRÁFICO FORMATIVO: VIDAS PRETAS TRABALHADORAS PERCEBENDO-SE.....</b>	<b>68</b>
4.1 Apresentação .....	68
4.2 Produto Educacional .....	68
<b>5 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>75</b>
5.1 O discurso dos autores pretos na formação do trabalhador.....	81
<b>6 CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL.....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE B – PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS NO CURSO TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO DO PROEJA/E-BOOK FORMATIVO.....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE C – SLIDES DA APRESENTAÇÃO DAS OBRAS .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE D – SLIDES DA OBRA DE CONVERSA 2 .....</b>	<b>104</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade colonialista que não se preocupa com os direitos humanos de sua civilização é uma sociedade fadada ao fracasso e a morbidez, sendo assim devemos estar engajados na ação política contra o racismo, o sexismo, o capitalismo e todas as estruturas desumanas de produção (FREIRE; SHOR, 1986, p. 199).

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como tema os discursos biográficos de intelectuais negros que contribuíram socialmente desnudando as relações de dominação de um grupo sobre outro na sociedade, sendo hoje reconhecidos na academia militando por uma consciência racial, cruzando com os perfis étnico raciais dos estudantes do Programa de Integração da Educação Profissional e Tecnológica de Jovens e Adultos (PROEJA) no Colégio Pedro II. Analisaremos, assim, em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói articulando linguagem e sociedade.

É urgente que aconteçam cada vez mais pesquisas de educadoras negras que não se intimidem em “escarafunhar o espaço sacrossanto na educação”, como escreve Carneiro (2011, p. 75).

Parte-se do pressuposto de que escola ainda é um lugar onde discursos e práticas preconceituosas ferem a subjetividade dos alunos e não os enxergam como pessoas. É urgente que estejam abertas às mudanças sociais, não como um favor aos negros, mas garantindo que se cumpram seus direitos. Temos as Políticas Educacionais Afirmativas, Lei n. 10.639/2003 e a Lei n. 11.645/2008, que tentam reparar o racismo estrutural garantindo condições de acesso a uma educação ampla aos alunos negros da EJA-EPT, mas essa é uma dívida irreparável, e torna-se ainda mais urgente que ocorram as mudanças sistêmicas.

O grito dos alunos negros da EJA é abafado por uma sociedade que se diz não racista e discursa sobre a ausência do racismo no Brasil.

A realidade comprovada por diversas pesquisas que traremos no corpo da pesquisa mostra que a educação de Jovens e Adultos na Educação Profissional e Tecnológica, são frequentadas por alunos pretos, periféricos, trabalhadores com remunerações e cargos subalternizados, tendo o aluno negro como seu maior representante que sofre com as ausências de políticas públicas que não o veem como protagonista de seus enunciados. O pensador negro Kabengele Munanga, na

revista **Carta Maior**, escreve a respeito do sistema racista que nunca deixou de existir:

Sem dúvida todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo. O brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros, vítimas e não vítimas (MUNANGA, 2009, p. 778).

Ecoam no cotidiano os discursos cristalizados de que não somos preconceituosos e muito menos racistas, transferindo o racismo aos outros e não revisitando a obscuridade em que fomos socialmente constituídos. Por isso a importância de nomear as opressões e não ter medo de usar as palavras “negro”, “preto”, “branco”, “racista”, não como eufemismos, mas como reconhecimento identitário.

Esses discursos discriminatórios que observamos nos perfis étnico raciais, quando se ofertam um quantitativo de 10% de vagas na EJA-EPT, apesar de sabermos que essa porcentagem não contempla nem a metade da população marginalizada e, portanto, seríamos ingênuos de pensar que esses sujeitos estão ocupando os mesmos lugares do que as pessoas brancas.

É uma situação opressora que implica no discurso pedagógico do corpo e seus preconceitos de que esses espaços são privilegiados, portanto o acesso não é igualitário. Os alunos negros trabalhadores, quando conseguem ser aprovados dentro desse quantitativo de vagas e passam a frequentar as instituições educacionais, não se sentem pertencentes aquele espaço institucional afetando a forma de estarem no mundo, e como construirão suas histórias de vidas. O professor Arroyo narra no livro “Passageiros da noite do trabalho para EJA”, as tensões desses corpos segregados na sociedade e na escola em diálogo com as afirmações acima.

“Os corpos, seu gênero e sua cor, raça, etnia, idade são geradores de conceitos e de preconceitos. Representamos nossos corpos ora com orgulho, ora com rejeição, em função dos preconceitos que as estruturas sociais e a nossa cultura atribuem à classe, ao gênero, à cor e à idade dos corpos. Existe uma tensão entre nossas imagens do corpo como trabalhadores/as, homens, mulheres, negros, brancos, indígenas, jovens ou velhos e as imagens segregadoras que a sociedade joga sobre esses corpos com sua classe, seu gênero, raça, etnia ou idade. Há corpos tratados como estranhos. Até rejeitados. Exterminados. Quando o estranho é trabalhador, a mulher, o negro, o velho ou o deficiente, qual será a relação desses sujeitos com seu corpo e consigo mesmo? A experiência de si mesmo e da alteridade nesse jogo de preconceitos se altera (ARROYO, 2017, p. 267).

Nesse sentido, somos a favor do verbo freireano “esperançar”, porque nos anima e amplia nossa humanidade em busca de uma “educação como prática da

liberdade” em todos os lugares. Esperançar políticas públicas centralizando os alunos negros trabalhadores como protagonistas não como reféns de suas vivências.

Os sistemas de ensino têm que se comprometer com a história desses sujeitos e pensar em uma educação para os afetos, nas mudanças necessárias, na busca de equidade social àqueles que foram roubados de seus direitos, como é o público da EJA, que sofrem prejuízos acadêmicos, como narrados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD/IBGE) <sup>1</sup> em 2002, de acordo com o documento Base PROEJA 2006, há uma distorção idade-série no ensino fundamental e médio na rede pública brasileira, dos anos de 2000, 2001, 2002, 2003, escancarando a verdade de que muitos dos impedimentos dos alunos estão relacionados à estrutura curricular e organizacional dos sistemas de ensino que não querem manchar sua reputação de “excelência” com o público da EJA.

O documento cita alguns fatores que não deixam ter dúvidas, como:

[...] a inexistência de vagas, as precárias condições de oferta, a falta de professores, a baixa qualificação dos profissionais, a inadequação do calendário, além da adoção de um projeto pedagógico que muitas vezes explicita a importância da diversidade, mas trabalha com uma concepção de aluno modelar (PNAD, 2006, p. 20).

A pesquisa vai em busca do “inédito-viável”, termo usado por Freire, ou seja, a possibilidade ainda inédita de ação que não pode ocorrer, a não ser que superemos as “situações limites”, que dentro do contexto racial hegemônico, estrutura uma educação profissional e tecnológica que oscila entre o pacto narcísico nas relações raciais e de gênero.

Os alunos têm suas próprias narrativas e pluralidades que muitas vezes não são consideradas nas instituições acadêmicas, tendo várias incoerências quando discursam sobre equidade e diversidade. O livro “**O pacto da branquitude**”, da escritora Cida Bento nos traz muitas provocações e uma delas é o acordo da branquitude em desqualificar saberes e culturas das pessoas pretas e reforçar o discurso meritocrático, que se ancora na defesa de que o nosso lugar na sociedade é responsabilidade exclusiva do desempenho de cada um. O que nos faz refletir sobre os desafios de se produzir práticas com vistas à mudança no âmago estrutural,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

respeitando as singularidades dos sujeitos sem silenciar as múltiplas possibilidades de se estar no mundo.

Muitas dizem prezar a diversidade e a equidade, inclusive colocando esses objetivos como parte de seus valores, de sua missão e do seu código de conduta. Mas como essa diversidade e essa equidade se aplicam se a maioria de suas lideranças e de seu quadro de funcionários é composta quase exclusivamente de pessoas brancas? (BENTO, 2022, p. 21).

A opressão racial que a autora acima destaca passa por situações cotidianas, como em não se perceber na sociedade, não ter direito à liberdade e as expressões culturais e religiosas, ser tolhido em sua subjetividade. Freire na **Pedagogia do oprimido** narra suas vivências com a classe trabalhadora pobre que é explorada em sua força de trabalho e condenados à ignorância, no entanto não tem uma postura pessimista e assume uma perspectiva de amor ético como força ontológica capaz de afetar e transformar a história e existências dos seres humanos como emaranhado de possibilidades, dessa construção amorosa nasce a esperança histórica, que ele cunhou de inédito-viável.

Dessa forma, é possível ver a pesquisa como feixe de esperança por considerar as relações humanas e as instituições educativas, no âmbito da União, multicultural, equalizadora de oportunidades em que esse espaço, de acordo com Freire (2015, p. 95), é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito, além de dialogar com outros sistemas de ensino dando ênfase ao reconhecimento social dos sujeitos.

Esta pesquisadora, como mulher, negra, oriunda de escolas públicas e ocupando hoje um novo lugar, o de estudiosa do assunto, compartilha também dos impactos discursivos e das relações de opressão que foram sutilmente internalizadas, causando rupturas e distorções na minha identidade e autopercepção.

Assim se via como negra, mas não enxergava a negritude; não foi um processo fácil de reconhecimento e aceitação, ainda assim, só aconteceu aos quarenta anos em diálogo nos grupos de estudos com histórias de vida e pesquisas sobre a educação étnico-racial.

A educação brasileira e suas instituições de ensino têm uma dívida imperdoável com a história dos negros. Cheguei à universidade sem estudar nenhuma referência dos pesquisadores negros, sobretudo porque o currículo da escola sempre foi embranquecido. A opressão gera esse epistemicídio aos negros, apagando sistematicamente suas produções e saberes na sociedade.

A pesquisadora negra Sueli Carneiro (2011, p. 6), de acordo com Ribeiro, em sua tese de doutorado, escreve sobre o epistemicídio, aparato teórico que vem do pensamento de Boaventura de Sousa Santos (1997):

[...] que se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento.

O racismo como forma de dominação de poder tem excluído dos espaços sociais e acadêmicos todos aqueles que não se encaixam em um modelo eurocêntrico, e prega que nem todos os lugares devem ser ocupados por todos, entendendo que esse “todo” se refere exclusivamente aos negros.

### **1.1 Contexto do estudo**

A pesquisa foi feita a partir dos dados referentes aos estudantes no Colégio Pedro II disponibilizados no site Colégio Pedro II em números<sup>2</sup> cruzando principalmente com os discursos de quatro obras amplamente discutidas e estudadas no plano dos discursos étnico raciais. Narrativas que permeiam o negro desde sempre e que colidem com os espaços federais, dialogando com saberes afrobiográficos de pensadores negros críticos e suas literaturas.

### **1.2 Objetivo Geral**

O objetivo geral deste estudo é conhecer, por meio de levantamento, a realidade racial vivida no PROEJA do Colégio Pedro II, fazendo um paralelo com estudos sobre as relações raciais no Brasil, a partir deles construir propostas de representatividade no espaço escolar da Educação Profissional Tecnológica através de um ebook formativo: vidas pretas trabalhadoras percebendo-se.

### **1.3 Objetivos Específicos**

Esta pesquisa tem como objetivos específicos:

---

<sup>2</sup><https://public.tableau.com/app/profile/se.o.de.planejamento.e.pesquisa.institucional/viz/AtualizacaoCPIIemNumeros2021/Painel1?publish=yes>.

- Identificar os fundamentos de educação e trabalho que constituem as concepções do Programa de Integração Nacional da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos;
- Conhecer os documentos legais e suas narrativas explícitas e implícitas que traduzem a legislação educacional brasileira, especialmente as Leis nº. 10.639/03/ 11.645/08
- Investigar quais são os perfis étnico raciais que permeiam os estudantes do Proeja do Colégio Pedro II;
- Construir um ebook formativo que contribua com a educação afrocentrada para professores dos cursos técnicos do Proeja.

#### **1.4 Problema de Pesquisa**

Os grupos historicamente silenciados e marginalizados têm seus direitos à educação e à formação técnica negados ao longo do processo regular de escolarização. Assim, os que conseguem resistir e voltar ao processo formal acabam ocupando a maioria das vagas dos cursos de Proeja. Pensar na formação dessa classe trabalhadora, oprimida e marginalizada é pensar nos processos escolares em que ela está inserida. Esta investigação se depara com o fato de que a maioria desses sujeitos é formada por trabalhadores pretos que, além da opressão social que o proletariado comumente sofre, ainda carregam intensa relação de hostilidade e preconceitos associados à sua cor. Freire (2014) destaca que os processos de formação dos oprimidos precisam partir do contexto dos sujeitos que estão sendo educados, o que nos faz questionar: Quais são os enunciados que os debates étnicos raciais podem construir na formação de alunos trabalhadores pretos da educação profissional de jovens e adultos?

#### **1.5 Hipótese**

Os movimentos sociais que lutam por políticas públicas antirracistas evidenciam os abismos étnico-raciais existentes nos processos formativos regulares oferecidos à população e em especial os ofertados à classe trabalhadora. Esta investigação tem como hipótese mais ampla a percepção de que o Proeja do Colégio Pedro II é formado em sua maioria por estudantes pretos e pardos em que as

reflexões existentes nos debates étnicos raciais contribuem com uma Educação Profissional antirracista.

## 1.6 Justificativa

A pesquisa se justifica em todo o cenário social, uma vez que a dor de ser negro causa impactos na existência, refletindo na autoestima e autopercepção desde que nascemos. Vivemos em um mundo onde o belo não está na diversidade, o espetáculo da boniteza se concentra exclusivamente no branco. Ser negro é visto como déficit e internalizamos imagens distorcidas de quem nós somos.

Para Santos (2009, p. 26):

A identidade negra, por ser um produto social é resultante de uma situação de conflito envolvendo discriminação, exclusão social, exploração e, por fim, a opressão individual ou coletiva. A hierarquização das raças e a subalternização do negro foi fruto de um processo histórico condicionante para que os negros internalizem uma imagem desfavorável de si próprios.

A importância de nomear essas dores e ouvir as vozes negras dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos dialogando com outras vozes potentes de pensadores negros, que com suas narrativas biográficas nos ensinam a lutar, a perceber situações de discriminações e denunciar o racismo sistêmico, ainda é muito forte na sociedade brasileira. Por isso, sustentamos que os cursos de proeja precisam atentar as questões raciais dos sujeitos inseridos em seu processo educativo.

O racismo é perverso e inicia seu processo de destruição da subjetividade do negro desde a primeira idade e na primeira escola. Essa constatação do racismo na educação infantil foi pesquisada na dissertação de mestrado da professora Eliane Cavaleiro da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, que teve acesso às crianças de uma escola municipal e observou as relações raciais das crianças brancas com os colegas negros e com as professoras brancas, uma exposição tensa nos relatos da pesquisa com dados irrefutáveis se encontra detalhada no livro da autora Sueli Carneiro.

Para Carneiro (2011, p. 75):

Contrariando as referências bibliográficas analisadas e o depoimento das próprias professoras da escola pesquisada, Eliane percebeu conflitos e hierarquizações raciais entre as crianças, como demonstrou o depoimento de uma garota negra de 6 anos. Segundo Eliane, as crianças só brincavam com ela quando levavam brinquedo. Quando indagada por quê, a menina respondeu: “Por que sou preta. A gente estava brincando de mamãe. A Catarina branca falou: “Eu não vou ser tia dela” (da própria criança que está narrando). A Camila, que é branca, não tem nojo de mim”. A pesquisadora

pergunta: “E as outras crianças têm nojo de você?” Responde a garota: “Têm”.

Muitos são os relatos dolorosos de racismo cotidiano que prejudicam a formação da subjetividade das crianças e dos jovens no processo de tornar-se preto. Como professora do ensino fundamental, no primeiro segmento, esta pesquisadora é testemunha dessas microagressões<sup>3</sup> raciais, percebo que as crianças reproduzem o racismo constituído socialmente. Muitas crianças denunciam esses enunciados que acontecem no cotidiano através das brincadeiras ou diretamente, palavras como “Tia, ele me chamou de macaco”; “Tia, ele disse: seu nego sujo!”, são ataques constantes que levam os estudantes pretos a não se sentirem adequados na escola. Ser uma pessoa e educadora antirracista também é revisitar cenas como essas e por meio do diálogo, das mediações, dos jogos, agir nessas falas que são construídas no imaginário social, porque o trabalho do professor nunca será apenas individual, é preciso desenvolver cotidianamente ações que envolvam o coletivo da instituição escolar para que os resultados sejam satisfatórios e duradouros.

---

<sup>3</sup> As microagressões raciais são formas sutis de insultos verbais, não verbais, corporais e visuais, direcionadas as pessoas marginalizadas pela raça, classe social, gênero, religião, feitas automaticamente inconsciente pelos agressores. (OLUO, 2020, p. 219).

Imagem 1: Infográfico das microagressões raciais



Fonte: Criação da autora no Canva, 2023.

São discursos reais que atravessam a Educação Básica, Profissional, Tecnológica em diversas modalidades de ensino, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, em que o preconceito racial internalizado aparta socialmente aqueles que são negros e não se alfabetizaram no tempo certo, evadindo das escolas e ocupando posições desqualificadas e subalternizadas no mercado de trabalho.

Dessa forma, a pesquisa pretende aproximar a educação profissional via EJA incentivando que os sujeitos negros da pesquisa se apropriem de sua herança cultural e superem silenciamentos, ergam suas vozes, ocupem lugares, posições e se vejam como humanos na sociedade via comunicação discursiva oral, que Bakhtin (2016) chama de conversas criativas com temas do cotidiano, e são livres em suas reformulações. Entendemos que os discursos existentes nos debates étnico raciais muito podem contribuir com a autopercepção desses sujeitos historicamente silenciados e oprimidos sob discursos que impedem a assunção de perspectivas próprias do mundo do trabalho desses sujeitos para a submissão ao mercado de

trabalho que tenta fazer parecer que a única coisa que possuem é seu vigor físico, retirando a possibilidade de assunção de sua intelectualidade.

### **1.7 Critério de Inclusão**

O primeiro critério de inclusão que temos são os dados referentes ao ano de 2021. Nossa escolha de pesquisa por esse ano é por ser o mais atual disponível, o que entendemos que atualiza o olhar e as reflexões que podemos produzir a partir nos números disponíveis.

O segundo critério de inclusão que temos são os estudos dos referenciais biográficos das escritoras pretas bell hooks, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo e do professor intelectual Florestan Fernandes, nomes importantes nos debates étnico raciais.

### **1.8 Critério de Exclusão**

Serão excluídos os dados referentes a qualquer outro ano diferente de 2021. Não negamos que eles podem fazer parte das discussões ao longo do texto. Contudo, não representam o foco principal de análise.

### **1.9 Riscos**

Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como baixo, isto é, como o trabalho não envolve pesquisa com seres humanos o maior risco que percebemos é de alguns leitores discordarem do recorte apresentado ou divergirem teoricamente dos discursos aqui apresentados.

### **1.10 Benefícios**

São esperados os seguintes benefícios na participação da pesquisa:

a) deslocar alunos negros, que podem passar de meros objetos, para sujeitos ativos de suas vozes, superando seus medos e ultrapassando as barreiras da incompreensão;

b) alcançar coletivamente as vozes como ato de resistência e de luta, ultrapassando os muros dos institutos federais e do mundo do trabalho, lutando

contra a opressão, dominação e exploração da supremacia branca contra as pessoas negras, assumindo práticas antirracistas e descolonizando visões em suas autoimagens, subvertendo os estereótipos determinados na sociedade, visando a contribuir com um produto educacional com novas quatro autobiografias que dialogam com outras histórias de vida, luta e resistência, potencializando novas vozes, destrancando as da cultura do medo em todos os espaços sociais, inclusive nos institutos federais.

### **1.11 Serendipidade!**

Pois dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.  
A Ele seja aglória para sempre! Amém.  
(Romanos 11.36)

Compreenda que o propósito de Deus para sua vida Não é só  
sobre você. Ele te usará de maneira poderosa.  
(Tony Evans)

Em 2018, esta pesquisadora participou de um grupo de estudos em que foi apresentada a vida e obra da escritora Carolina Maria de Jesus e seu significativo legado na literatura brasileira, foi meu primeiro contato com as escritas de uma mulher negra, trabalhadora, periférica que revolucionou o mundo com suas escritas denunciando pobreza, fome, ausência das políticas públicas e muitas outras mazelas que atravessam a humanidade das mulheres-pretas-pobres-trabalhadoras na favela.

Esta pesquisadora ficou fascinada com as narrativas da vida dessa mulher e pensando como eu, aos trinta e oito anos de idade, graduada, com algumas especializações, formações contínuas, a escola e a academia ainda invisibilizavam essas e tantas outras mulheres e homens negros que com seus testemunhos, conversavam com as nossas próprias histórias, tantas Carolinas reexistindo de forma poderosa.

Conhecer Carolina Maria de Jesus é encontrar muitos desconfortos em mim, eu sabia da minha condição de mulher, trabalhadora, periférica, mas não me via como preta, a raça era ainda uma problemática a ser vencida, quando escutava as palavras de negação do meu filho de não querer ser preto eu sentia a dor dele nessas palavras e o encontro com essa autora levou a uma busca por literaturas afrobiográficas, conheci Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Angela Davis Lélia

Gonzales, Eliane Cavalleiro, bell hooks<sup>4</sup>, Neusa Santos, Ana Maria Gonçalves, Grada Kilomba, Fanon, Muniz Sodré, Abdias Nascimento, Rodrigo França, Otávio Júnior, e muitos outros, homens e mulheres negros que já entendiam seus lugares raciais na luta afrocêntrica social. O repertório e letramento racial está para além de um acabamento acadêmico, porque nesse inacabamento e por um propósito existencial não cabe mais evitar ser negra. Então, nessa travessia também conheci a mim, Islen Machado.

O mestrado veio, inicialmente, mais do que eu estava procurando, a busca de me tornar negra, olhar para o mundo como uma mulher negra que biologicamente e obviamente sempre fui, com todos os visíveis traços fenóticos, nascida de pais negros, avós negros não era para eu ter dúvidas da minha negritude, mas ser é tão doloroso que escolhi durante quarenta anos não ser uma negra, mas aceitar a morenidade, era assim que eu sempre fui chamada e aceitei uma identidade brancocêntrica. Veio a descoberta por “acaso” ou melhor, por um propósito divino, com o mestrado de coisas que não estava procurando, mas que encontrei.

**Serendipidade** (GONÇALVES, 2022) é o que tem acontecido com minha pesquisa do mestrado, que descreve o momento de descobertas ou (re)encontros de coisas enquanto estava à procura de outras, mas que já estava atenta, olhando, escutando responsivamente ao que descobri para que as oportunidades fossem aproveitadas com excelência e as conexões alterassem as relações de dentro para fora. “Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que descobrimos para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem sequer o notemos” (GONÇALVES, 2022, p. 9).

O mestrado é fruto da serendipidade, que reverberou em mim em 2018 o desejo de conhecer mais sobre as muitas faces de Carolina Maria de Jesus, uma história que bordou outras narrativas, e que no espaçotempo da pesquisa, tem possibilitado outras histórias na academia, na vida cotidiana, nos encontros com o meu grupo de pesquisa do ConPAS e na formação docente e discente.

---

<sup>4</sup> O nome bell hooks é escrito com letras minúsculas por ser uma homenagem que a autora faz a sua avó, que se chamava Bell Blair Hooks, considerada uma mulher revolucionária que não aceitava ser dominada pelo patriarcado na década de 1950.

**Imagem 2: Apresentando a pesquisa nas redes sociais do grupo de Conversas entre Professores: Alteridades e Singularidades**



Fonte: Instagram do ConPAS, 2022.

A primeira serendipidade da vida foi ler uma parte do livro brasileiro, **Um defeito de cor** da escritora negra Ana Maria Gonçalves, e me conectar ao conceito desse termo que diferente do propósito, acontece casualmente, mas que nos conecta ao sentido da vida como propósito. Comecei a leitura antes do mestrado e não me lembrava mais desse termo, até a segunda serendipidade acontecer, quando em uma reunião com o grupo de pesquisa, que considero a terceira serendipidade da vida, uma colega sugeriu que lêssemos esse capítulo, e novamente me conectei ao termo e me arrisco a pegar alguns possíveis fios que têm me atravessado no mestrado-vida e bordar uma linda teia(s), que está transbordando para além da pesquisa acadêmica. O fio desse bordado dissertativo tem entretecido uma trama de possibilidades, desafios, narrativas, descobertas, insurgências, medos, resistências que como espiral vai se alterando em um processo não-linear, assim se con(funde) com as narrativas da pesquisadora-narradora, sujeitos-narradores e discursos que se constroem a partir de algumas estatísticas dos cursos de Proeja oferecidos pelo Colégio Pedro II

Em conexões com essa tríade narrativa, afirmo que sei apenas como se deu o primeiro fio dessa tessitura, que surge com minhas inquietações aos discursos e impactos de opressão, de negação racial do meu filho, dos meus alunos e dos estudantes que cursam o programa de educação profissional e tecnológica do curso técnico de administração no colégio Pedro II, que em suas trajetórias também são afetados pelo racismo estrutural.

Esse fio conecta com minha descoberta ancestral aos símbolos Adinkras criados pelos povos Akan, em que o mais conhecido é o Sankofa, de acordo com a revista da Universidade de São Paulo, é a representação de um pássaro mítico que voa para frente, com a cabeça totalmente virada para trás segurando em seu bico um ovo, simbolizando o futuro.

É um retorno ao passado, às memórias, às singularidades do eu, do coletivo, das muitas mulheres que vieram antes de mim, a possibilidade de retornar as raízes, encontrar na sabedoria dos intelectuais negros e aprender com os povos africanos e as diásporas, saberes que foram apagados pelo colonialismo europeu.

Pensando nas vozes que são constituídas na sociedade e transbordam na linguagem, Paulo Freire (2021) e Bakhtin (2021) constroem seus diálogos por meio das rodas de conversas dando ênfase a uma conscientização crítica em que os oprimidos subalternizados possam superar os silenciamentos a que estão submetidos, e conquistem seus lugares de fala, representatividades e existência na sociedade. Ouvir as vozes negras é um exercício reflexivo que até pouco tempo não estava em pauta, não fazia parte das rodas da sociedade. O corpo negro só tinha visibilidade quando se discutiam as relações racializadas na perspectiva das datas comemorativas. Quando se tem um olhar, uma única história, é mais fácil ferir a subjetividade e negar o direito dos alunos negros de recontarem suas próprias narrativas.

Assim, a pesquisa ancora-se nas Análises Dialógicas do Discurso (ADD) de Bakhtin e nos estudos raciais de hooks, mulher negra, pesquisadora crítica que militou sobre os direitos dos negros e deixou um importante legado para os estudos raciais e feministas. Nessa trajetória também conheci o pensamento de Sueli Carneiro e Grada Kilomba, autoras que também contribuíram para este diálogo.

Sendo assim, esta pesquisadora tece a dissertação com narrativas afrocentradas, em que na primeira parte, “O papel do proeja na educação profissional crítica”, são apresentadas reflexões sobre os corpos dos trabalhadores negros

narrados no presente, como as relações de poder e de opressão aligeira o processo formativo dos estudantes negros jovens e adultos.

Conversa-se com autores como Marx e Gramsci, que entende o trabalho como princípio ontológico da vida humana, existencial a todas as pessoas, em que há uma dialogicidade entre a escola e o mundo do trabalho. Narro os avanços das leis e seus importantes marcos, Programas e Decretos voltados exclusivamente para a Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Na parte dois, trago referenciais como Bakhtin e hooks, discursos em uma perspectiva afrocentrada e dialógica atravessam as interações de linguagem que se estabelecem entre os enunciados presentes com estudantes jovens e adultos, alinhavados com os meus, com outros intelectuais negros, como debates sobre racismo, raça, etnia, conscientização, genocídio, epistemicídio que são problematizados no campo da educação étnico-racial e a característica preta e parda dos cursos do proeja do Colégio Pedro II.

Na parte três, o tecido da dissertação é feito com algumas legislações antirracistas no Brasil, como o Estatuto da Igualdade Racial, que inclui a participação da população preta nas oportunidades sociais, econômicas, nas ações afirmativas e muitos outros direitos.

Na parte quatro, os fragmentos das obras selecionadas serão selecionados e analisados a partir do que vou nomear de eixos: “Erguendo a voz com bell hooks - Ensinando a transgredir, como prática da liberdade”, “Carolina Maria de Jesus, presente como legado-Quarto de despejo”, “Asescrivências nos becos da memória com Conceição Evaristo”, “EPT O negro no mundo dos brancos - Diálogos com Florestan Fernandes.”

Na parte cinco, o bordado se corporifica na construção de uma narrativa que transbordará pelo “Produto Educacional”, com proposta nos debates discursivos raciais e sua pertinência e conexão com os perfis étnico raciais dos estudantes do proeja.

Segue a dissertação tecida por muitas mãos, a principal mão que tem segurado as mãos desta pesquisadora, são as **mãos de Deus**. Gratidão!

## 2 O PAPEL DO PROEJA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL CRÍTICA

A Educação de Jovens e Adultos e sua integração ao ensino Profissional e Tecnológico permanece com muitos desafios, tentando romper com os discursos do mito da empregabilidade, apoiados em enunciados ontológicos e históricos de estudiosos como Marx e Gramsci, que entendem a escola como princípio educativo na relação laboral com a formação humana integral, atendendo ao interesse da classe trabalhadora.

Essa formação para Marx dimensiona um pleno desenvolvimento dos sujeitos que atravessa meramente o ensino técnico, o que ele conceitua de politecnicidade, que é aquela que desenvolve domínio intelectual, físico e tecnológico. Essa defesa de Marx pela formação humana integral seria desde a primeira infância até os jovens e adultos, resistindo ao poder hegemônico burguês. Sendo assim: “No entanto, presentemente, nós temos apenas de tratar de crianças e jovens de ambos os sexos [pertencente ao povo trabalhador]” (MARX, 1982, a,s.p)

Pensar na Educação Profissional Tecnológica integrada à Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade da educação básica entre o ensino fundamental e médio é possibilitar uma formação dialógica entre o mundo do trabalho e a escola, além de reparar e incluir a vida dos jovens e adultos na sociedade. Mas, de acordo com Dante (2016), é preciso lutar contra a tradição bancária de uma educação mecânica, voltada apenas para o mercado de trabalho, militar contra a neutralidade que reforça o projeto hegemônico, pois é impossível sermos neutros na educação, já que, quando agimos assim, aceitamos os silenciamentos que acontecem desde tempos remotos, iniciado no Brasil Colônia, fazendo-nos dificilmente ter uma postura de enfrentamento.

Segundo os números obtidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) em 2002, o Brasil registrava a presença de 23.098.462 jovens com idades entre 18 e 24 anos. A situação de emprego desses jovens no âmbito formal do mercado de trabalho era alarmante, visto que, conforme os dados fornecidos pelo Registro Anual de Informações Sociais em 2002, apenas 5.388.869 deles, o que corresponde a aproximadamente 23,3% daqueles pertencentes a essa faixa etária, detinham ocupações no setor formal nesse mesmo ano.

Os discursos dominantes estabelecidos têm como característica definir a escola profissional como uma instituição voltada principalmente para atender às

necessidades práticas e imediatas, em detrimento de proporcionar uma formação mais abrangente. Sob a pressão da urgência de entrada no mercado de trabalho e as contínuas crises do sistema capitalista, a formação profissional da classe trabalhadora é direcionada para a integração no mercado de trabalho, o que restringe e limita o desenvolvimento intelectual das pessoas. Conforme destacado por Gramsci (2004), existe uma constante tentativa de cada grupo social ter um tipo específico de escola, com o objetivo de manter esses grupos em funções sociais específicas ao longo do tempo.

O que defendemos é que os estudantes do proeja, em sua maioria negros e pardos ficam ainda mais oprimidos por essa falsa representatividade da empregabilidade. Atuar no campo da educação de jovens e adultos é uma escolha epistemológica ética, ter uma compreensão responsiva, militar em pelas causas sociais de justiça e exigir Políticas Públicas que coloquem os alunos no centro das discussões e não como tem acontecido, que são ações e programas que subalternizam e não os colocam como protagonistas.

Nesse sentido, concorda-se com Dante (2016), sobretudo na defesa da competência técnica, em que também importa aos sujeitos da EJA estarem em constante busca pelo conhecimento, mas não se restringe a isso, a dimensão econômica tem que dialogar com a humana, que é um projeto societário porque a vida é mais importante de todos os projetos, ainda que inserida em inúmeras relações de poder. Temos bases legais que legitimam o direito a uma educação para todos, como a Emenda Constitucional nº 59 de 2009 consta obrigatoriedade de se completar o Ensino Médio, que não estava na LDB, como um direito de todos, para se completar a educação básica, a idade é de 4 aos 17 anos, garantindo essa terminalidade.

Art. 1º Os incisos I e VII do art. 208 da Constituição Federal, passam a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 208.

L- educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

Mas, uma reflexão relevante de Dante (2016), é se pensar que quando se faz esse recorte por idade, exclui do direito ao Ensino Médio quem não consegue terminar aos 17 anos, deixando à margem os sujeitos da EJA ainda mais. Também, ao analisar os números referentes à educação da PNAD/IBGE em 2003, conforme mostrado na tabela abaixo, é possível notar que, nesse ano, aproximadamente 23 milhões de

indivíduos haviam completado 11 anos de estudo, o que equivale à conclusão do ensino médio. Essa parcela da população correspondia a apenas 13% do total do país. Conseqüentemente, podemos deduzir que a maioria dos brasileiros que ingressa no mercado de trabalho possui um nível de escolaridade relativamente baixo.

**Tabela 1: Anos de estudo**

<b>ANOS DE ESTUDOS</b>	Total da população
Total	173.966.052
0	41.461.092
1	7.089.749
2	9.137.740
3	10.889.367
4	19.129.760
5	11.583.950
6	7.546.165
7	7.757.360
8	13.280.759
9	4.907.149
10	4.845.985
11	22.932.919
12	2.041.844
13	1.587.909
14	1.466.865
15 ou mais	7.515.178
Não informado	792.261

Fonte: IBGE/PNAD, 2003.

O documento-base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (Brasil, 2007) nos ajuda ao afirmar que examinando a distribuição da população com 10 anos de idade ou mais, constatamos que cerca de 31,4% possui um nível de escolaridade de até três anos. Isso implica que aproximadamente um terço da população brasileira que frequenta a escola não chega nem à metade do ciclo de oito anos do ensino fundamental.

Como resultado das disparidades sociais, pessoas negras e pardas com mais de dez anos de idade também são afetadas de maneira desproporcional nesse

cenário, apresentando níveis de educação inferiores em comparação com pessoas brancas. Essas discrepâncias são particularmente acentuadas nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, conforme evidenciado na tabela que se segue.

**Tabela 2: Média de anos de estudo**

Grandes Regiões	Média de anos de estudo da população de 10 anos ou mais de idade			
	Total	Cor ou raça		
		Branca	Preta	Parda
Brasil (1)	6,1	7,0	5,0	5,0
Norte (2)	6,1	7,0	5,2	5,7
Nordeste	4,7	5,7	4,2	4,3
Sudeste	6,8	7,4	5,4	5,7
Sul	6,6	6,8	5,5	5,1
C-Oeste	6,3	7,2	5,2	5,6

Fonte: IBGE – Síntese de Indicadores Sociais, 2002.

Apresentar um breve panorama nacional se faz necessário para problematizarmos a realidade de nosso objeto de estudo e a realidade preta e parda dos cursos de proeja a âmbito nacional e local. Desse modo, discutir relações étnico raciais na formação da classe trabalhadora é discutir o processo formativo profissional dos mais desfavorecidos e reprimidos pelos discursos dominantes. Desse modo, destacamos a necessidade de uma escola técnica capaz de formar a classe trabalhadora com a capacidade de tornar o profissional cada vez mais político e o político cada vez mais profissional. (FRIGOTTO, 2001; GRAMSCI, 2017; NOSELLA, 2016).

De todo modo, ainda que a EJA tenha um percurso marcado pelo descaso público, é importante lembrar de alguns marcos legais, como a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). E, ainda, o Fundo de Financiamento do Ensino Fundamental – FUNDEF (de 1996,) excluiu por 11 anos a EJA dos recursos do Fundo e só em 2007, com o Fundo de Financiamento da Educação Básica – FUNDEB, voltou o olhar para essa modalidade, fazendo a inclusãoda EJA nesse orçamento, porém o investimento ainda é vergonhoso.

Também foram criados programas de descentralização de recursos para as escolas, incluindo provisão pública totalmente sem custos aos alunos trabalhadores da EJA, como merenda, transporte, material escolar e livros didáticos. O governo

federal também tem incentivado campanhas e programas nacionais de qualificação com foco na alfabetização de jovens e adultos.

É nesse cenário de incentivos que surge o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), uma formação instrumental, atendendo aos interesses imediatos do mercado de trabalho.

O Decreto n. 5.478/2005 foi alterado por uma necessidade de produção de novos documentos referenciais, bem como a revisão do Documento Base Proeja, pelo Decreto n. 5.840, de 13 de julho de 2006, transformando o Proeja em um Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Em 2009 foi criado o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), para alunos com mais de 18 anos de idade. No entanto, de acordo com a Revista Nova Escola: “Em 2013, 784.830 candidatos solicitaram a certificação, mas só 60.320 – ou seja, menos de 10% – alcançaram os resultados necessários”. O que pode ter acontecido aos outros candidatos que não “atingiram” aprovação?

O Proeja tem como fundamento legal a integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, além de contribuir para o enriquecimento cultural, político, científico e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania.

Sua base foi pensada para ser mais do que um projeto de inclusão, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade racial, política, econômica e social, em um projeto de nação, que vincule a escola ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social.

A Educação Brasileira ainda tem sofrido com a ausência de políticas públicas e “entre as lacunas existentes na história da educação do Brasil, a da educação profissional não é das menores”, afirma Cunha (2005a, p.1). A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Associação Nacional de Pós-Graduação (ANPEd) constataram que, entre os anos 2000 e 2009, lamentavelmente, ocorreu uma “precariedade de produção e conhecimento sobre a formação de professores para a educação profissional, ainda que [este] seja um tema de análise urgente diante da importância que a educação profissional tem no cenário nacional” (URBANETZ, 2012, p. 870).

Acreditamos na impossibilidade em se lutar pelos direitos da EJA sem pensar em democracia e emancipação, portanto, pesquisar e ouvir sobre temas vivenciados pelos jovens negros, periféricos e trabalhadores, como invisibilidade, discriminações, racismo estrutural e institucional e o efeito provocado nas /pelos interações sociais, é uma das muitas estratégias que nos mobilizam e nos permitem ocupar nossos lugares dentro desse cenário social.

A resistência aos discursos hegemônicos, discussão sobre como esses jovens e adultos negros enfrentam os muitos obstáculos diários para conseguir a formação profissional e acadêmica e permanência em alguns espaços colonizados, nos trás a memória as contribuições de Paulo Freire nesse cenário, pensar amorosamente nesses sujeitos que são propositalmente esquecidos pela sociedade Refletir criticamente sobre a formação continuada e as práticas de ensino do cotidiano escolar, tornarão melhores com boas práticas.

O documento importante nesse sentido foi a Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Jovens e Adultos, que aconteceu em 1997 (UNESCO, 1997), ratificando a responsabilidade do Estado em garantir o direito à educação para todos, principalmente para os grupos menos privilegiados e oprimidos. A declaração toca em concepções fundamentais que consolidam a EJA, mas, a princípio, se refletirá sobre duas vertentes: a primeira, a da escolarização, que entende a educação como um direito inalienável, por isso, a oferta da educação básica é para todos, não importando a idade. A educação continuada é a segunda vertente, e seu objetivo principal é apostar em uma aprendizagem para a vida. Olhar para o sujeito reconhecendo sua incompletude, seus enunciados, suas vozes e possibilitar as ações educativas ancoradas em suas vivências cotidianas.

Paiva (2006) pontua de forma potente o verdadeiro sentido da educação de jovens e adultos, ressignificando os processos de aprendizagem pelos quais os sujeitos se produzem e se humanizam, ao longo de toda a vida, e não se restringindo à questão da escolarização, tampouco à da alfabetização.

Aprender exige modos de sobrevivência, reinvenções e mudanças, por isso, o Proeja na visão da escolarização está além da perspectiva assistencialista, compreendendo ser necessário valorizar a história de vida, suas autorias, o protagonismo e as interlocuções com outros saberes. Essa valorização das necessidades humanas, que hoje conhecemos como necessidades básicas da

aprendizagem, teve essa associação pela primeira vez em 1972, na III Conferência de Tóquio.

O Ministério do Trabalho e Ministério da Educação (MEC) são os principais incentivadores e investidores dos projetos educacionais na educação de jovens e adultos na reprodução de materiais didáticos e formação continuada. No governo de Fernando Henrique Cardoso, foi um período de indiferença que levou a educação pública ao sucateamento, o MEC esvaziou os investimentos na EJA e fez uma parceria com um projeto não governamental, chamado Alfabetização Solidária (ALFASOL), que trazia em seu bojo concepções compensatórias. Foi realizado o Seminário Nacional de Educação de Jovens e Adultos com a culminância de diversos estaduais em que houve a participação dos dois importantes serviços de apoio financeiro, conhecidos como Sistema S na EJA.

Esses serviços são: Serviço Social da Indústria (SESI) e o Serviço Social do Comércio (SESC), que são sistemas de subsídio privado e recebem dos cofres públicos para investir na formação dos trabalhadores, além de serem parceiros do programa Brasil Alfabetizado, lançado em 2003 pelo MEC, tendo prazo de seis a oito meses de apoio na alfabetização desse grupo.

Uma das principais críticas ao Sistema S e sua atuação na formação histórica seria a respeito de um engessamento dos saberes desses trabalhadores, porque a dimensão é apenas a do mercado de trabalho, o que não dialoga com a perspectiva de formação humana integral proposta nos documentos de base do Proeja. O que se observa na modalidade da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é a demanda de projetos governamentais, não governamentais e privados para custearem e fomentarem o ensino da EJA, tendo apenas o *locus* da empregabilidade. Esquecendo-se de promover uma educação como prática da liberdade em que os alunos aprendam a biografar-se, existenciar-se além dos currículos, historicizando-o (FREIRE, 2021).

Um movimento que marcou a Educação de Jovens e Adultos foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), um programa do governo que foi idealizado para atender em rede de saberes e tinha como objetivo erradicar o analfabetismo. Contudo, não foi o que aconteceu, uma vez que os resultados foram vergonhosos e a realização custosa ao erário. Durou quinze anos e foi extinto pelo presidente da época José Sarney, no dia 25 de novembro de 1985, sendo considerado um dos maiores fracassos educacionais da história do Brasil.

O financiamento na Educação na EPT começou a mudar no início do governo do presidente Luiz Inácio da Silva entre os anos de 2003 – 2009, quando instalaram 214 novas escolas federais (Pacheco, 2011) e muitos programas de qualificação profissional para os jovens e adultos brasileiros. Houve também importantes leis sociais sancionadas centralizando os debates raciais como a Lei nº 10.639/2003 incluindo obrigatoriamente no currículo das escolas a temática História e Cultura da África: (PLANALTO)

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

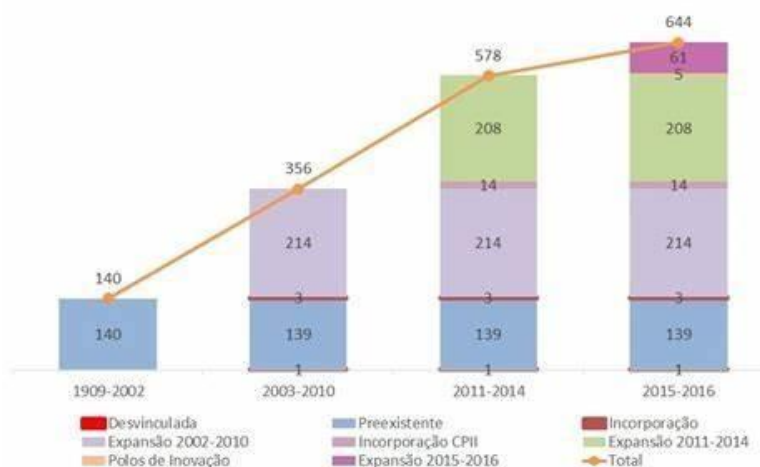
§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Sendo alterada ainda na gestão de Luiz Inácio da Silva pela Lei de nº 11.645/2008 para contemplar também nos currículos das Redes de Ensino a obrigatoriedade dos temas Indígenas, são ações afirmativas de Políticas Públicas que reverberam atualmente grandes avanços na sociedade.

Entre os anos de 2015 e 2016 os investimentos continuaram proporcionando ao Proeja um ensino de qualidade, mais de 61 unidades institucionais foram criadas, tendo como quantitativo 644 instituições na Rede Federal da EPT, como observamos na figura.

**Imagem 3: Expansão da Rede Federal de EPT em unidades**



Fonte: (BRASIL, SETEC/MEC, 2016).

A expansão no âmbito federal transcendeu ao crescimento das instituições, tendo mudanças positivas nas perspectivas de atendimentos ao público da educação de jovens e adultos das classes menos favorecidas e racializadas.

O Programa de Integração Profissional e Tecnológica na modalidade da Educação Básica de Jovens e Adultos é uma construção não linear cercada por muitos ventos contrários aos seus anseios e existências. A falta de oportunidades dificulta a caminhada desses jovens negros trabalhadores que têm sua vida marcada desde a infância e buscam no estudo uma profissão e o direito de existirem.

É um programa que desafia as tramas políticas e pedagógicas tendo se sustentado desde o ano de 2006 com o Decreto n. 5.840 (BRASIL, 2006) com o desejo de ser mais do que um projeto de inclusão, envolvendo a nação na construção de uma sociedade enraizada na interlocução política, econômica, social e libertadora vinculada ao mundo do trabalho. Embora seja esse o ideal de pensamento do Proeja, na prática, as ações descortinam a realidade desses sujeitos marginalizados, como é o caso dos jovens negros que são oprimidos desde o ensino fundamental regular e tentam permanecer na escola, mas as oportunidades de acesso, aprendizagem e suas condições de vida nem sempre são equalitárias. O documento-base afirma que:

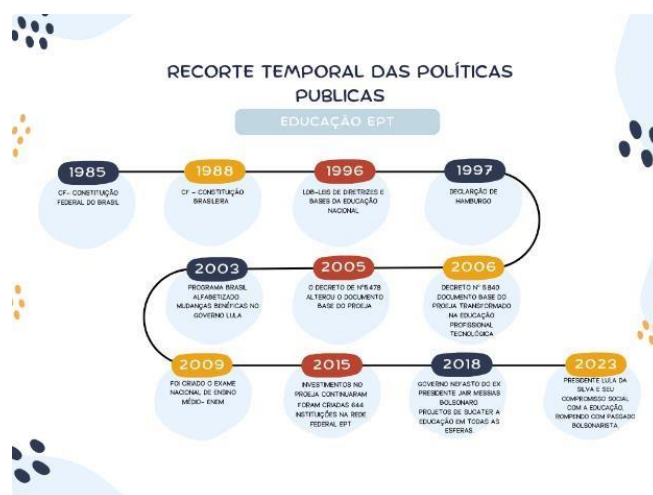
Além disso, a sociedade brasileira não conseguiu reduzir as desigualdades socioeconômicas e as famílias são obrigadas a buscar no trabalho das crianças uma alternativa para a composição de renda mínima, roubando o tempo da infância e o tempo da escola (BRASIL, 2006. p. 10).

As diversas situações de exclusão que atravessam a educação básica e suas modalidades, como é o caso dos jovens e adultos na EPT ficou mais crítica no governo

nefasto de Jair Messias Bolsonaro<sup>5</sup>, em 2018, atuando e manipulando as mídias sociais e uma parte da população, agindo contra a democracia e os direitos da população, tentando pôr fim às Políticas Públicas sociais que beneficiavam a classe trabalhadora.

A educação sofreu graves prejuízos nas múltiplas dimensões sociais, mas principalmente no financiamento da Educação, da Ciência e Tecnologia, na autonomia das escolas e universidades e tentativas de precarização e privatização do Sistema de Ensino. Um governo homicida que durante sua gestão reforçou a exploração da classe trabalhadora, esvaziamento do trabalho, como princípio ontológico, as condições injustas de salários, assistência, saúde, educação, que são direitos legítimos que constituem o viver.

#### Imagem 4: Infográfico Marco-Temporal das Políticas Públicas



Fonte: Criação da autora no Canva, 2023.

Os itinerários não são igualitários, justos, e muitos desses jovens, quando têm as portas fechadas no mundo do trabalho, retornam por meio dos cursos de formação técnica na modalidade do ensino médio na esperança de recuperar o tempo que lhes foi roubado desde a infância. Chegam às escolas, institutos federais e cursos técnicos carregando estigmas, como vergonha, medo, insegurança, muitas vezes desditados de seus saberes e dizeres. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro **O Perigo de uma História Única** (2009), nos convida a termos cautela diante das histórias que nos apresentam livros, amigos, universidades, mídias, família, sociedade sobre um povo, nação, raça, porque o nosso olhar é contaminado pelo

<sup>5</sup> Jair Messias Bolsonaro, ex-presidente do Brasil de extrema direita, neoliberal, militar, ultraconservadora que manipulou o povo e as redes sociais para apoiarem seu projeto de sucatear a Educação em todos os âmbitos sociais e políticos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=73751>.

ponto de vista somente do outro e não nos permite enxergar nada além da pobreza, das desigualdades, do preconceito, resultando sempre em uma história única que polariza os olhares.

Quando abrimos o debate sobre os sujeitos negros que estão inseridos no Programa da Educação de Jovens e Adultos, os discursos sociais sobre eles são atravessados por perspectivas únicas, ou seja, tem-se um único ponto de vista desse público: a história de que se não estudaram no tempo adequado é porque não se esforçaram ou porque não são tão inteligentes. Esse pensamento vira verdade nas mentes das pessoas e construímos uma visão eurocêntrica que segrega aos que são diferentes de nós.

A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos. As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2009, p. 13-16).

A EJA-EPT, segundo os estudiosos e o Documento-Base que a estrutura, ainda permanece no lugar onde essas histórias despedaçam a dignidade dos sujeitos oprimidos, injustiçados, que estão à margem do sistema capitalista e que o governo não se responsabiliza pela criação de políticas públicas que restaurem as narrativas históricas dessa classe popular. Quem são esses que vivem à margem da sociedade? Quem são esses que são vistos como objetos nas histórias contadas por quem as conta, sem que se contem suas histórias reais?

Há um poder social que atravessa as narrativas biográficas dos jovens e adultos negros e torna suas histórias definitivas, únicas, silenciando e apagando toda a possibilidade de vê-los como qualquer coisa além de negros incompetentes, lentos, preguiçosos. Esse poder encontramos na literatura, que tanto pode ser usada para libertar como disseminar preconceitos raciais em que a branquitude continua hierarquizando a ideologia das raças, objetificando esses sujeitos negros.

De acordo com Cuti, (2010)

A literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação. A literatura é um fazer humano. Quando é interpretada, avaliada, legitimada ou desqualificada, fica aberto o leque de sua recepção. Leque este que se altera no decorrer do tempo em face das novas pesquisas. Nem a teoria nem a crítica literária se furta à ação do tempo e, portanto, de alterações a elas atinentes (CUTI, 2010, p.13).

Podemos perceber quem são esses alunos trabalhadores negros que estão nos institutos federais, como o colégio Pedro II pelo próprio documento-base que

ratifica quem são os sujeitos da EJA: “Negros, quilombolas, mulheres, indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores, jovens, idosos, subempregados, desempregados, trabalhadores informais” (BRASIL, 2006, p. 11).

São sujeitos que lidam com desafios existenciais e que para sobreviverem passam mais tempo nos transportes públicos do que em casa, são periféricos e não são bem remunerados, sofrem pela negligência do Estado.

E nas tentativas de deslocamentos da posição de oprimido são silenciados por quem detém a palavra, porque é assim que o opressor age na humanidade do oprimido, silenciando de muitos jeitos. Segundo Freire (2021), são sujeitos injustiçados e roubados na sua palavra e que precisam da consciência crítica da opressão para mudarem de lugar.

Essa luz vem da práxis, que, de acordo com o pensamento freireano, sem a ação e reflexão dos sujeitos no mundo é impossível qualquer transformação e superação da relação opressor-oprimido.

Os oprimidos têm muitos rostos, podem ser: negros, pobres, trabalhadores, indígenas, mulheres, que no Proeja vivenciam deslocamentos duros e seus itinerários não se comparam com àqueles que não precisam esperar na fila do ônibus depois de jornadas cansativas e longas de trabalho e que por vezes ficam mais tempo dentro de um ônibus do que em casa. Não tem privilégios iguais as pessoas brancas, elitizadas são marcados pelo racismo.

Há um documentário Olhos Azuis no YouTube (narrando uma experiência feita pela professora Jane Elliot denunciando as microagressões raciais através de situações cotidianas em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental I, no entanto vinte anos mais tarde, o exercício foi realizado em um workshop com dois grupos de adultos na mesma sala, mas um grupo tinha um lenço ao pescoço, que era chamado de estigma. Ela interpela as pessoas brancas solicitando que se levantem se querem ser tratadas como os negros na sociedade. Seu objetivo é reafirmar a existência do racismo e conscientizá-los a se colocarem no lugar dos oprimidos mudando para uma postura antirracista.

Nessa oficina de duas horas, a professora fazia perguntas as pessoas brancas e, quando demoravam a responder, os chamava de “burros”, “incompetentes”, “lentos”, o que provocou choro e indignação. O objetivo era fazer com que os brancos sentissem por duas horas a discriminação que os negros sofrem por causa da cor avida a toda.

A experiência foi feita com as crianças, mas diferente, a professora usou como estratégia, um jogo com as crianças brancas de olhos castanhos e as de olhos azuis no recreio. As crianças que tinham os olhos castanhos ganharam um “estigma”, que foi um lenço pendurado no pescoço. A regra era que as de olhos azuis não poderiam conversar e brincar com as de olhos castanhos. O que se observou foi que as crianças de olhos azuis, além de não brincarem, faziam provocações, discriminavam e as ofendiam, chamando-as de “olhos castanhos”, e como tinham o “estigma”, também era motivo de se afastarem delas.

Quando o recreio acabou e a professora perguntou como tinha sido o jogo, as de olhos castanhos falaram que o jogo foi muito ruim, porque quando os colegas as viam com os “estigmas” gritavam “olhos castanhos!”. Uma criança disse que era como se estivessem chamando-a de “negra”. Ao final do jogo, os que estavam chateados com o “estigma” mudaram o semblante quando a professora falou que poderiam arrancá-lo, então, sorridentes, jogaram o lenço na lixeira como um ato de libertação.

Paulo Freire (2021) pesquisou sobre a situação concreta de opressão e dos opressores em que se instalou uma nova situação concreta, de uma nova realidade inaugurada pelos oprimidos que se libertam, que estão em posições colonizadoras, oprimem os menos favorecidos, quando não se reconhecem em libertação.

Penso que esse jogo feito por Jane Elliot tenta nos conscientizar de que aqueles que são “formados” na experiência da opressão têm dificuldade quando estão no lugar do oprimido. São mais vulneráveis porque não sabem o que é humilhação, sempre foram privilegiados, e sua reserva emocional não foi forjada na opressão.

Algumas falas no vídeo foram marcantes, enquanto um branco falou que humilhação era ser chamado de “burro”, um homem negro ao lado da esposa falou que humilhação foi quando foram ao restaurante e foi dito que não teria mais vaga, e em seguida, um casal branco conseguiu a “vaga”.

O vídeo finaliza com a questão posta por Jane Elliot: “As pessoas brancas acharam insuportável serem tratadas com discriminação e desvalorização. O que devem sentir, então, as pessoas negras que são discriminadas e desvalorizadas o tempo todo?”

A professora e pesquisadora Jane Elliot sofreu discriminação, foi ameaçada e chamada de “defensora dos negros”, por discutir a questão do racismo, dizendo que não basta falarmos que não somos racistas, mas precisamos, brancos e negros, lutar

contra a classe dominante e juntos resistirmos às violências dos opressores. É uma luta de todos!

## 2.1 O PROEJA na educação profissional

O texto anterior apresenta brevemente algumas características desses estudantes do proeja, contudo precisamos compreender melhor quem são os sujeitos da EJA? Segundo informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-IBGE /2019) é possível perceber nos dados compilados abaixo que “o abandono escolar das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20, 2% não completaram algumas das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total 71,7% eram pretos ou pardos”.

São sujeitos pretos e pardos, periféricos de percursos noturnos em busca de humanização, que têm suas vidas silenciadas nos grupos sociais, raciais e sexuais. Segundo Arroyo (2001, p. 22):

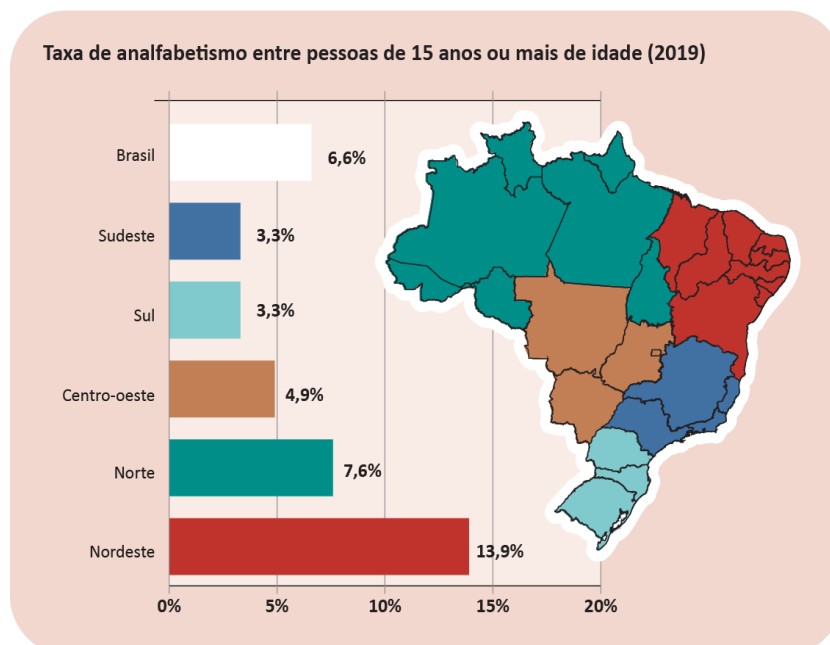
Os jovens e adultos trabalhadores não são os passageiros do fim do dia e do início da noite- não são aqueles/as que se deslocam nos carros para o trabalho, para as faculdades ou casas- homens. mulheres brancos/as das classes médias, altas. As diferenças de percursos humanos, de trabalhos e de transporte revelam percursos sociais, raciais, de classes diferentes. Identidades sociais, raciais diferentes.

Assim, como exposto, a maioria dos alunos do Proeja é formada por pessoas pretas e pardas trabalhadoras que, diante dos muitos desafios cotidianos, não continuam seus estudos vivendo à margem da sociedade, sofrendo com as ausências de políticas públicas, que os impedem de serem protagonistas de seus enunciados e impossibilitam sua inserção no mundo do trabalho, pois, desde a época do Brasil Colônia até os dias atuais nunca foram considerados importante ou relevantes os saberes dos negros que também não eram considerados cidadãos. Não há um cuidado com os “Tempos” dos sujeitos negros e a articulação à cultura escolar popular que dialoga principalmente com as categorias da emancipação, da solidariedade e do diálogo.

A descontinuidade e os retrocessos que marcam o Proeja são ainda notórios e a Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílio mostra bem essa triste realidade: “A taxa de analfabetismo para os homens de 15 anos ou mais de idade foi 6,9% e para

as mulheres, 6,3%. Para as pessoas pretas ou pardas (8,9%), a taxa de analfabetismo foi mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%)”.

**Imagem 5: Taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais**



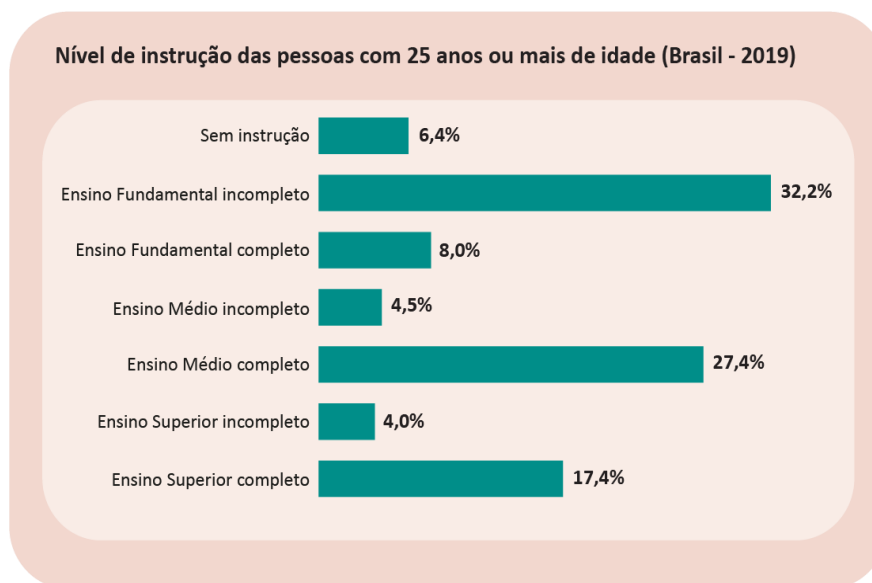
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Os institutos federais que ofertam a EJA-EPT precisam estar comprometidos com a história desses sujeitos e pensar em uma educação antirracista para os afetos, em busca de reparos necessários e de justiça social para aqueles que foram roubados de seus direitos. Não é por acaso essa discrepância na taxa do analfabetismo entre brancos, negros e pardos.

Outro dado importante refere-se ao nível de instrução e terminalidade desses jovens dentro da faixa etária de 25 anos ou mais, que, de acordo com a PNAD-2019, a maioria não chega a concluir o ensino fundamental ou o ensino médio, como podemos analisar abaixo:

### Imagem 6: Nível de instrução das pessoas com 25 anos ou mais



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

São dados preocupantes e recentes, o que corrobora e nos faz refletir sobre o analfabetismo, a evasão, a falta de professores especializados para lecionar nessa modalidade da EJA e outros problemas que não se resolverão através de projetos, programas, congressos, com terminalidades, mas é fundamental que se ancore, crie raízes e faça parte das políticas públicas garantindo verdadeiramente o direito à educação para todos.

É nesse cenário que surge como uma esperança o Proeja, sendo legitimado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica em 2006, anunciando dois pressupostos sua dupla finalidade, a saber:

[...] enfrentar as discontinuidades e o voluntarismo que marcam a EJA no Brasil; e integrar a Educação Básica (EB) a uma formação profissional que contribua para a integração socioeconômica de qualidade dos jovens e adultos. O Proeja visa oferecer oportunidades educacionais tanto a jovens e adultos que ainda não finalizaram o ensino fundamental (EF), como àqueles que já o completaram, mas não concluíram o ensino médio (EM), nem curso que os habilite em uma profissão. Neste trabalho, a análise priorizará a integração entre o EM e os cursos técnicos na modalidade EJA, doravante EMI Proeja (DANTE, 2006, p. 3).

O Programa ainda tem barreiras na concretude de seu principal objetivo, que é contribuir com uma formação integral aos alunos EMI Proeja, porque está atravessado pelo capitalismo e racionalidades hegemônicas que se nutrem de todas as formas de desigualdades.

A Rede Federal de Educação Profissional foi criada em 1909, com o surgimento das Escolas de Aprendizes Artífices no Brasil. Em 2008, passou por algumas mudanças em sua nomenclatura, e hoje recebem o nome de Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia (IFs).

A implantação das ideias progressistas no Proeja tem sua gênese no cenário político no primeiro mandato do presidente Lula, mais precisamente em 2003-2006, com muita luta, militância e resistência, mesmo sendo atravessado pelo neoliberalismo, o Programa trouxe no âmbito educacional contribuições favoráveis alinhadas ao seu governo.

Vale lembrar que antes de ser alterado em 2006, o Proeja foi implantado para funcionar apenas nas Redes Federais de Educação Profissional (RFEP), nas redes estaduais e municipais.

O primeiro artigo da Lei n. 11.892 já delimita as instituições que são IFs e as faculdades, os colégios associados, como é o caso do Colégio Pedro II, que passou a ofertar especializações e ensino técnico com a inclusão da Lei n. 12.677/2012:(PLANALTO).

Capítulo II-A do Colégio Pedro II

Art. 13-A . O Colégio Pedro II terá a mesma estrutura e organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Art. 13-B. As unidades escolares que atualmente compõem a estrutura organizacional do Colégio Pedro II passam de forma automática, independentemente de qualquer formalidade, à condição de campi da instituição.

Refutar esse modelo de sociedade que valoriza a lógica capitalista, neoliberal, ainda marcado pelo racismo, só é possível no coletivo, escutando os enunciados de quem sofre na pele o preconceito, assim, as “ações mediatizadas pelo mundo”, como Freire (2009) escreveu, vão tornando possível no âmbito universitário, na educação tecnológica profissional ou nas escolas da educação básica a continuidade dos processos de (re)educação das relações étnico-raciais no Brasil.

Paulo Freire teve suas primeiras experiências pedagógicas de alfabetização popular em que criou um método de ensino para alfabetizar jovens e adultos (GADOTTI *et al.*, 1996) sendo referência nos estudos do campo da EJA. O ideal seria que a práxis educacional, ou seja, que teoria e prática se entrelaçassem nas salas de aulas, mas nem sempre há essa dialética. Freire nos incentiva a militar politicamente contra as opressões para além das práticas pedagógicas.

No Plano Nacional de Educação (PNE), no mínimo 25% das matrículas de Educação de Jovens e Adultos na forma integrada à Educação Profissional, no ensino Fundamental e Médio, são visíveis as opressões nessa modalidade as muitas faces da opressão, a começar pelo mínimo de vagas ofertadas nos espaços federais, algo em torno de 10%.

Os dados contidos nas tabelas corroboram com os desafios escolares que jovens e adultos sofrem para frequentar à escola terminando todas as etapas educacionais necessárias a formação técnica e profissional. Sendo assim, observamos essas informações a seguir:

**Pessoas com 15 anos ou mais que não frequentam a escola, por nível de instrução mais elevado alcançado – Brasil – 2020**

**Tabela 3: 47,9% das pessoas com 15 anos ou mais que não frequentam a escola nãoconcluíram o Ensino Médio**

Sem instrução e menos de um ano de estudo	7.981.385	,4
Ensino Fundamental incompleto ou equivalente	44.108.417	9,6
Ensino Fundamental completo ou equivalente	12.065.122	,1
Ensino Médio incompleto ou equivalente	7.209.523	4,8
Ensino Médio completo	77.555.886	2,1
Total	148.920.333	00

Fonte: IBGE/Pnad Contínua. Elaboração: Todos Pela Educação, 2023.

**Tabela 4: Número de matrículas na EJA – Brasil – 2010 e 2020**

Total EJA	4.325.587	3.002.749
EJA integrada à Educação Profissional	53.161	54.238
EJA não integrada à Educação Profissional	4.272.426	2.948.511

Fonte: MEC/Inep/DEED - Microdados do Censo Escolar. Elaboração: Todos Pela Educação, 2023.

**Tabela 5 : Número de matrículas na EJA de Nível Fundamental – Brasil – 2010 e 2020**

	2010	2020
Total EJA	2.898.206	1.750.169
EJA integrada à Educação Profissional	14.997	9.328
EJA não integrada à Educação Profissional	2.883.209	1.740.841

Fonte: MEC/Inep/DEED - Microdados do Censo Escolar. Elaboração: Todos Pela Educação, 2023.

**Tabela 6: Número de matrículas na EJA de Nível Médio – Brasil – 2010 e 2020**

	2010	2020
Total EJA	1.427.381	1.252.580
EJA integrada à Educação Profissional	38.164	44.910
EJA não integrada à Educação Profissional	1.389.217	1.207.670

Fonte: MEC/Inep/DEED - Microdados do Censo Escolar. Elaboração: Todos Pela Educação, 2023.

**Tabela 7: Porcentagem de matrículas na EJA integradas à Educação Profissional – Brasil –2010-2020**

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
<b>Total</b>	1,2	1,6	2,8	2,8	2,8	3,0	2,8	1,5	1,3	1,6	1,8
<b>Nível Fundamental</b>	0,5	0,9	2,8	2,6	2,5	3,1	2,9	0,5	0,3	0,6	0,5
<b>Nível Médio</b>	2,7	3,1	2,7	3,1	3,3	3,0	2,5	3,0	2,9	3,1	3,6

Fonte: MEC/Inep/DEED - Microdados do Censo Escolar. Elaboração: Todos Pela Educação, 2023.

Todos esses dados evidenciam as lacunas que a EJA enfrenta e seus desafios nas etapas regulares da Educação Básica. Os sujeitos negros, trabalhadores e periféricos, em sua maioria, que não tiveram as mesmas oportunidades na vida do que os que são da classe abastada e privilegiados apenas por serem brancos, sofrem com muitas ausências e abandonos: de estudos, de sonhos e de si mesmos.

Matriculam-se nos cursos, mas ao chegarem nos espaços, muitos não permanecem, não se sentem pertencentes àquele lugar, não se apropriam dos discursos, por quê? As respostas ecoam nos preocupantes números de alunos que não concluíram o Ensino Médio: 47,9% das pessoas com 15 anos ou mais que não frequentam a escola não concluíram o Ensino Médio (IBGE/Pnad Contínua. Elaboração: Todos Pela Educação 2018) Ecoam também nos espaços vazios das salas de aula e corredores das instituições que ofertam a EJA-EPT mostrando a esses alunos de forma clara que estes espaços não lhes pertencem.

O Proeja é um projeto que foi pensado sob uma perspectiva valorativa e integral voltada para uma integração que possibilite uma discursividade e criticidade permanente desses alunos trabalhadores para além dos conteúdos do Ensino Fundamental e Médio, articulando suas vivências na participação social. O acesso às habilidades e competências vai ajudar nessa formação plena como cidadão e como profissional, oportunizando salário digno e emprego qualificado.

No entanto, muitos nós precisam ser desfeitos para que a realidade ultrapasse o ideal e o Proeja não seja apenas mais um programa, com riscos eminentes de falir,

mas se transforme em política pública efetiva que garanta acesso, permanência e reparação aos jovens trabalhadores.

A formação docente é um grande desafio para o Proeja e vai possibilitar um princípio *sine qua non* de responsabilidade social na vida dos jovens trabalhadores, uma construção inclusiva emancipatória, conectada com os rudimentos temáticos das questões étnico-raciais, indígenas, da comunidade surda, de gênero, e de tantos outros grupos negligenciados em seu direito de existir.

## 2.2 Enunciados que fazem parte desse cenário racial

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade  
(Mikhail Bakhtin, 2011)

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, filósofo russo, nasceu no dia 16 de novembro de 1895 em Orel, cidade pequena ao sul de Moscou, estudioso do gênero do discurso, nos ajuda a entender que a linguagem está ligada a todos os mais variados campos da atividade humana e que não se esgotam as possibilidades de interlocuções e enunciados, entendendo-a como ato de reelaboração dos pensamentos e sentimentos expressos em palavras, que podem ser individuais e particulares, orais e escritos, sendo construídos em cada campo da língua de acordo com os gêneros do discurso.

A linguagem para Bakhtin é central na constituição de sua investigação, ela é concreta, não é fixa, viva e dialógica, surgindo o conceito de dialogismo, que é enunciada em seus estudos como observamos nessa citação do próprio autor.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão poderia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTIN, 1988, p. 88).

A palavra do outro sempre é atravessada pelos discursos alheios que se tornam nossas palavras na cadeia dos enunciados, por isso Bakhtin traz também em seus muitos conceitos, a concepção da não autoria, para ele não somos colonizadores das palavras do outro, não somos autores das palavras, porque o discurso é polifônico e estabelecem uma relação de sentidos entre esses dizeres, que são os enunciados no tecido dialógico, que ele chama de Simpósio Universal. O dialogismo conecta os sentidos existentes nas interações e interlocuções entre os sujeitos do diálogo, que para esse filósofo não são conversas face a face, mas posições sociais.

Na epistemologia do pensamento bakhtiniano, o linguista e professor Fiorin (2022, p. 20) escreveu que “há três eixos básicos: unicidade do ser e do evento, relação eu/ outro; dimensão axiológica. São essas coordenadas que estarão na base da concepção dialógica da linguagem”.

Tivemos desafios abissais nesta pesquisa ao caminharmos nestes três eixos e suas heterogeneidades dos discursos dos alunos trabalhadores negros do Proeja, refletindo as barbáries nos modos de subjetivação a que são submetidos e problematizando questões atuais, como educação antirracista que possibilite o letramento crítico, a compreensão construída socialmente do termo raça, cor da pele, a violência criminal que é o racismo, tendo como base o discurso dos dados do perfil étnico-racial na Educação de Jovens e Adultos dentro do ensino profissional e tecnológico no site do Colégio Pedro II.

As referências dentro desse debate racial nos mostra que muitas pessoas negras não se percebem negando sua etnia, reelaborando mecanismos de defesa para não serem agredidos por sua cor. É uma discussão que afeta a pesquisadora, por isso, é impossível me manter neutra: sou mulher, preta, periférica, mãe de uma criança preta, trabalhadora- estudante, docente-educadora, tenho toda uma trajetória no ensino público, e sou marcada pelos itinerários longínquos de estudo e trabalho, reinventando novos jeitosde lidar com as tensões e os prazos acadêmicos.

Conforme Bakhtin (2016, p. 16-17),

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.

Nessa dialogicidade, os enunciados concretos que me constituíram na vida, distorceram a minha imagem desde a infância, causando dores que só há pouco tempo tive consciência e liberdade para assumir com orgulho minha negritude. Não foi um processo fácil, mas se tornou possível ao debruçar com os pares nos grupos de estudos, discussões e reflexões, através de narrativas biográficas de mulheres negras e da literatura negra.

De acordo com hooks (2021) “só nos tornamos mais conscientes quando começamos a ver com clareza”. Essa verdade tem me libertado e hoje procuro dar novos tons à prática pedagógica, lutando por uma educação antirracista que valorize as vozes negras desde a infância, porque é onde começam os ataques nas diversas áreas da vida, despindo-as cruelmente sem que saibam se defender e quando essas crianças, que serão os jovens e adultos na sociedade, crescerem não vão aceitar os silenciamentos e saberão se posicionar.

hooks (2021, p. 58) diz que enquanto as pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história e a nossa cultura, sempre haverá uma crise na identidade negra. O racismo internalizado continuará a eclodir a luta coletiva por autodefinição. Inúmeras crianças negras vão continuar a sofrer com a baixa autoestima.

Crianças pretas crescem com essa dor até a fase adulta, lutam pelo direito à uma educação de qualidade, contra-hegemônica que garantam em seus percursos, acesso e permanência na idade oportuna nas escolas.

Arroyo (2017 p. 22-23) nos faz refletir sobre os personagens desses deslocamentos e o lugar social, racial e de classes diferentes a que pertencem, afirmando que são sujeitos

pobres, trabalhadores empobrecidos das cidades ou campos, mulheres, negros que ficam nas filas à espera de ônibus, vêm do trabalho, de jornadas longas, cansativas, como domésticas, serventes, pedreiros, limpadores de ruas, de escritórios, serventes nas escolas.

### **2.3 Os itinerários discursivos dos alunos negros do Proeja**

O racismo é tecido pela existência da desigualdade das relações raciais, mas acima de tudo se reproduz e se expressa pelos discursos. Conforme Bakhtin (2016, p. 48), “o real juízo de valor só pode ser realizado pelo falante em seu enunciado concreto. As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam”.

Então, as muitas vezes, que são constituídas pelo tom emocional, por escolhas ou rejeições de outras palavras, formam os enunciados nesse processo de ambiguidade e negação, as pessoas até reconhecem que existe o racismo no Brasil, mas jamais se assumem como racistas.

É uma percepção, segundo Da Matta (1979), de que dentro de uma estrutura hierarquizada, o negro não é mais um sujeito segregado, mas sim ajustado às posições subalternas, que tendem a ser naturalizadas. O racismo institucional reflete quando somente às pessoas negras são atribuídas as piores condições de trabalhos, tais quais os serviços de limpeza, ou os de preparar e servir cafezinhos à classe elitizada. Esta é uma cena que presencio toda semana no curso de idiomas do meu filho. Uma senhora negra, gentil, tímida, de voz baixa, cuidando do preparo dos alimentos, cafés, do banheiro e servindo os gerentes da empresa. Retrato atual da servidão. Como não ficar incomodada com cenas diárias como essas em que negros são colocados no lugar da subserviência.

Outro momento que já foi naturalizado diz respeito aos profissionais negros que trabalham em diversas empresas, atendendo escolas, hospitais, shoppings, varrendo, recolhendo os restos de alimentos e lixos das nossas ruas, são pretos e pardos, sujeitos invisibilizados. Entregamos os nossos lixos, mas não damos um sorriso e/ou palavras de apreciação, valor e cordialidade.

São situações que retratam a segregação ocupacional e a desigualdade salarial por raça que, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), explica o conceito de segregação:

[...] compreende-se a concentração de determinados grupos de raça e gênero em certas ocupações – por exemplo, ocupações como enfermeiros, professores secundários e empregados domésticos são marcadamente femininas, enquanto trabalhos elementares da indústria ou cargos em tecnologia, como cientistas da computação, são masculinos. Nesse mesmo sentido, a ocupação de médicos é permeada por pessoas brancas, enquanto a de serviços elementares é predominantemente negra (SILVEIRA; LEÃO, 2020)

Muitos casos de racismo são manifestados em situações isoladas e individuais, e, quando são divulgados, a pessoa racista agride verbalmente, emocionalmente e até fisicamente o negro em seu discurso de superioridade lançando muitas perguntas do tipo: “você sabe com quem está falando?”, atacando-os como verdadeiros selvagens: “Você não vale nada”, “Nem a polícia consegue prender esses macacos” (conforme uma fala noticiada recentemente (REVISTA FORUM) e quando há o enfrentamento, mudam seus enunciados, se vitimizam, tentam passar uma imagem

positiva: “Eu não sou racista, tenho amigos pretos”, “Já namorei pretos”, ou culpabilizam a vítima “ Você me incentivou a te ofender”, muito fios vão surgindo desses enunciados.

São ritos presentes na sociedade brasileira e que encharcam também a torre de marfim dos espaços acadêmicos, afetando notoriamente os programas educacionais, como o Proeja, em que a maioria dos alunos é formada por pretos, pardos, periféricos e trabalhadores. Talvez não se tenha perguntas tão direcionadas, porque os discursos são sutis, acontecem nas entrelinhas e transcendem às palavras ditas ou não ditas, expressando-se por meio de manifestações corporais, olhares e, principalmente, na evasão escolar, refletindo no índice de jovens e adultos que estão no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Quando o aluno do Proeja observa o quantitativo de estudantes que frequenta o turno da tarde e compara com os outros cursos, percebe os espaços da escola vazios à noite, poucos professores ou faltosos, atividades pedagógicas que silenciam suas vozes e vivências e tantas outras situações que fragilizam a permanência desses jovens e adultos na EPT. O gênero valorativo do discurso que lhe é transmitido não é de aprovação e de pertença a esse lugar. E, sendo assim, as salas de aula não atraem a maioria.

Bakhtin (2016, p. 53) diz que há palavras que significam emoções e entram em nossos discursos como enunciados cheios de ecos de outros enunciados, o que ele chama de palavras alheias. As emoções causadas por esses discursos deslocam os alunos da EPT provocando-lhes comportamentos fragilizados, melindrosos, sentimentos de menos valia, olhar cabisbaixo, sobretudo em contextos de reivindicações de tratamentos igualitários em relação às pessoas brancas.

Ainda bem que as relações raciais no Brasil têm sido estudadas pelos cientistas sociais e há muitas pesquisas e revisões profundas ao longo do século XX, as doutrinas racistas, que pregavam inferioridade intelectual do negro e indígenas antes da Abolição e pós-Abolição, têm sido refutadas por esses pesquisadores. Assim pretendo caminhar por alguns discursos dos alunos trabalhadores negros, mas antes traçar um perfil histórico do racismo no Brasil, partindo de movimentos discriminatórios de influências teóricas como o evolucionismo, representados por autores como Spencer, Le Play e Gobineau apostaram em resoluções mágicas para dar fim ao problema da discriminação racial, em que a ideia era trazer os imigrantes europeus para unificarem suas forças com a elite e os intelectuais brasileiros.

A solução seria povoar o Brasil de europeus e ter, como consequência, uma sociedade de pessoas brancas, em que, segundo a teoria da seletividade sexual, os melhores mestiços teriam descendentes de peles claras; sabemos, no entanto, que para isso ocorrer eram necessárias relações sexuais forçadas. A ideia era acabar com a raça inferior, lugar em que os negros eram colocados. Uma visão defendida pelo fisiologista e médico João Batista Lacerda, em Londres, no ano de 1911, durante o Congresso Nacional das Raças (Pinto, 1909)

Segundo Guimarães (2005, p. 10),

Raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social.

Nesse processo de embranquecimento, um nome importante foi o de Raimundo Nina Rodrigues<sup>6</sup>, também médico maranhense, que tinha uma percepção racista da presença do negro na nação brasileira, objetificando-o e olhando-o como um problema, um ser não educável, de raça inferior na sociedade. Uma perspectiva eurocêntrica que passou a identificar como capaz e humana apenas a civilização europeia.

No entanto, Azevedo (1955) escreve que, com a mestiçagem, as pessoas fenotípicas têm sido apagadas etnicamente e os brancos aumentado com muita rapidez, crescendo os grupos de mestiços que são registrados como pardos.

Essa é uma ideologia do branqueamento que sempre alienou as percepções identitárias dos negros e mestiços provocando dissensões, genocídios e fragilidades nos movimentos negros até os dias atuais. O plano era formar uma identidade nacional branca, por meio dos métodos eugenistas, tendo como idealizador Francis Galton, “que acreditava na raça como reprodução e perpetuação biológica, genética, hereditária, designando espécies de seres humanos distintos tanto fisicamente quanto em termos de capacidade mental” (BANTON, 1994, p. 264).

Logo após a Segunda Guerra, três encontros foram promovidos pela UNESCO, em que foram reunidos biólogos, geneticistas e muitos outros cientistas sociais, que dialogaram sobre as crenças raciais postuladas por Francis Galton<sup>7</sup>, discordando dos

---

<sup>6</sup> Raça e criminalidade na obra de Nina Rodrigues: Uma história psicossocial dos estudos raciais no Brasil do final do século XIX | Rodrigues | Estudos e Pesquisas em Psicologia (uerj.br).

<sup>7</sup> Francis Galton, fundador da proposta de eugenia que se baseava em uma visão pseudocientífica, racista e preconceituosa contra as especificidades biológicas de pessoas pretas. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662008000200004>.

traços hereditários que ele atribuía às diferenças biológicas, sendo apenas confirmados em sua teoria os traços sanguíneos. Durante anos essa teoria racista influenciou e oprimiu a sociedade levando muitos a acreditarem que o negro biologicamente pertence uma raça inferior, selvagem que, portanto, precisa ser extinta.

Segundo Guimarães (2005, p. 24),

Essas conclusões significam que diferenças fenotípicas entre indivíduos e grupos humanos, assim como diferenças intelectuais, morais e culturais, não podem ser atribuídas, diretamente, a diferenças biológicas, mas devem ser creditadas a construções socioculturais e a condicionantes ambientais.

A construção das identidades é um processo complexo e multifacetado que envolve diversas dimensões da vida humana. Ela não se limita apenas à nossa identificação étnica ou racial, mas abrange uma série de aspectos interconectados que moldam quem somos e como nos relacionamos com o mundo e outro aspecto central é o mundo do trabalho. Desse modo, a centralidade do mundo do trabalho é um elemento fundamental na compreensão da dinâmica social e econômica de uma sociedade. O trabalho não é apenas uma atividade que sustenta a subsistência das pessoas, mas também desempenha um papel crucial na construção das identidades individuais e coletivas. Ele molda nossas relações sociais, influencia nosso acesso a recursos e oportunidades, e tem um impacto significativo em nossa qualidade de vida.

O trabalho, em sua dimensão fundamental para a existência humana, serve como a base essencial de nossa análise. Nesse contexto, é importante enfatizar que rejeitamos a concepção do trabalho como simples força de trabalho, mão de obra, ou mera mercadoria utilizada na perpetuação do sistema capitalista. Historicamente, desde os primórdios da economia política clássica, o trabalho tem sido reconhecido como uma atividade primordial e central na criação de valor (Brito, Silva e Barros; 2022). Desse modo, sustentamos que através do trabalho podemos problematizar os debates raciais e contribuir com a construção de criticidade sobre si, sobre o outro e sobre as relações sociais vigentes.

Pensar o trabalho como elemento integrador dos debates étnico raciais da classe trabalhadora, principalmente dos trabalhadores negros do proeja não é torná-lo secundário ontologicamente, pelo contrário, é assumirmos as múltiplas dimensões na construção das identidades sem diminuirmos a centralidade ontológica do mundo do trabalho nas vidas das pessoas e naquilo que os torna propriamente humanos.

## 2.4 Um diálogo sobre raça, racismo e etnia

A epistemologia de alguns conceitos pode nos confundir e alterar nossos enunciados por descuido ou desconhecimento. Raça e etnia formavam um desses becos sem saída que, por mais que tentássemos entender, não sabíamos como diferenciar.

Os cientistas sociais definem raça como “um grupo de pessoas que na sociedade é definido como diferente de outros grupos em virtudes de certas diferenças físicas ou putativas” (BERGHE, 1970, p. 10). As marcas físicas, como os fenótipos, é que vão diferenciar, na visão deles, raça de etnia. Se não tiver as marcas físicas, alguns pesquisadores chamam esses grupos de étnicos, sendo raça um comportamento imutável e etnia um comportamento flexível, suscetível a mudanças.

A etnicidade para muitos sociólogos é mais ampla do que o termo raça, que é carregado de ideologias, sendo até rejeitado por muitos estudiosos, como é o caso de Thomas Eriksen<sup>8</sup>, que a entende como um aspecto das construções de identidade social, mas ratifica que separar os dois sempre foi um problema.

O racismo é uma das muitas maneiras de naturalizar as opressões e hierarquias na sociedade, porque surge de discursos de superioridade e dominação que reduzem o cultural ao biológico, “existe sempre que se pretende explicar um dado status social por uma característica natural” (DELACAMPAGNE, 1990, p. 86).

O filósofo negro ganês Appiah (1992), importante pesquisador contemporâneo dos estudos afro-americanos, se aprofunda nesse processo de distinção entre os dois tipos de racismos, o extrínseco e o intrínseco. O racismo extrínseco, para Appiah (1992, p. 5),

[...] traça distinções morais entre os membros de diferentes raças porque acredita que a essência racial implica em certas qualidades moralmente relevantes. Os racistas extrínsecos baseiam a sua discriminação entre os povos na crença de que os membros de raças diferentes se distinguem em certos aspectos que autorizam um tratamento diferencial – tais como honestidade, coragem ou inteligência. Tais aspectos são tidos (pelo menos em muitas culturas contemporâneas) como incontroversos e legítimos como bases para o tratamento diferencial dispensado às pessoas.

O racismo extrínseco é o que se apresenta como “benevolente” e cordial, tratando com mais cuidado as pessoas de cor, apenas as que forem bondosas, inteligentes, corajosas e honestas, como se a moralidade fosse um requisito do privilégio racial e o negro em sua essência não desfrutasse de princípios éticos e

---

<sup>8</sup> Thomas Hylland Eriksen, antropólogo norueguês, visitou o Brasil três vezes para participar de debates sobre etnicidade e políticas de identidade. EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI • 1ª Edição

morais por ser preto. Esse tem sido um discurso polifônico atual, principalmente nos enfrentamentos raciais, muitas palavras que ouvimos nas mídias sociais sugerem a negação do racismo cotidiano, romantizando essa dominação, cujos enunciados tentam embranquecer o negro. É o racista que naturaliza comportamentos, como dizer ao de cor que “ele é bom mesmo sendo preto” ou “ele é um bom amigo mesmo sendo preto”. Muitas construções sociais localizam o lugar desses enunciados racistas na sociedade.

O contraste entre o racismo e o antirracismo, para Appiah (1992, p. 6), é o intrínseco, que é manifestado dentro dos sujeitos brancos com parentesco com mestiços, em que há conforto e diálogo entre ambos.

Racistas intrínsecos, na minha opinião, são pessoas que fazem distinções de natureza moral entre indivíduos de raças diferentes, porque acreditam que cada raça tem um status moral diferente, independentes das características morais implicada em sua essência racial. Assim como, por exemplo, muitas pessoas que são biologicamente relacionadas a outras – um irmão, um tio, um primo – derivam desse fato um interesse moral por essas pessoas, também um racista intrínseco pensa que o simples fato de ser da mesma raça é uma razão plausível para preferir uma pessoa a outra (APPIAH, 1992, p. 6).

O problema no Brasil sempre foi esse: não assumir a existência do racismo, defendendo por muitos anos o mito da democracia racial, mais uma estratégia governamental para desviar a atenção dos problemas sociais e a desigualdade racial. Não teria como debater, dialogar, compreender as questões das relações raciais se o discurso fosse o de que todos têm direitos iguais e o negro não é oprimido, ou, ainda, que não há discriminação e preconceito. Uma frase conhecida de Florestan Fernandes (1972, p. 42) cabe nesta discussão: “O preconceito contra o preconceito ou preconceito de ter preconceito”. Não é comum assumirmos os preconceitos existentes dentro de nós, por isso escondemos os desvios que existem em nossos corações porque não nos trará recompensas, mas críticas, estranhamentos e poderá nos afastar das relações sociais, então o natural é que aconteça o processo de retenção, que guardemos o que não queremos que ninguém veja, “entulhando lixos”, mas quem estiver perto vai sentir o cheiro.

## **2.5 Legislação das leis antirracistas no Brasil**

Há cerca de 20 anos, o Brasil tem vivenciado mudanças em seu processo de desenvolvimento dos direitos democráticos. Mais precisamente no ano de 2000, o Movimento Negro começou a pressionar o governo em prol dos direitos da negritude,

na luta pelos movimentos sociais e antirracista, explicitando as desigualdades raciais, através de dados coletados pelo Instituto Econômico de Pesquisa Aplicada (IPEA) durante a Conferência de Durban, 2001, na África do Sul, revelou a crueldade da existência do racismo no Brasil, surgindo nesse momento como reparação, as políticas de ações afirmativas.

As pessoas marginalizadas pela classe social, gênero e raça lutam por movimentos sociais que garantam acesso as Políticas Públicas, sendo assim a classe trabalhadora negra, milita por justiça, educação e redistribuição equitativa, mas ainda se deparam com resistências, forças e tradições ideológicas e hierarquizações que não legitimam os direitos sociais. É necessário remover as ideologias falaciosas e construir novos caminhos e propostas políticas e sociais que mobilizem as bases populares, conforme sintetiza Munanga (2004, p. 20):

Os movimentos operários ainda não conseguiram mobilizar todos os seus membros, vítimas das relações de trabalho e de produção dentro da sociedade capitalista, ainda menos no seio de um capitalismo periférico, de escassa cidadania como a brasileira.

A Educação de Jovens e Adultos, alinhada ao programa profissional e tecnológico, também precisa remover estas falácias e debater frequentemente questões no campo das peculiaridades raciais e identitárias dos sujeitos negros que lutam para ocupar seus lugares além das salas de aula,

Discutir sobre o passado histórico que marca suas identidades como descendentes dos africanos escravizados, pessoas racializadas vistas com estigmas, marginalizadas em posições de subalternidades na sociedade, tendo sua cultura negada e sendo desumanizadas. São reflexões urgentes e pautadas na Lei n. 10.639/2003 que localiza o lugar social destes alunos trabalhadores negros e fortalecem suas identidades, reconhecendo sua cor e recuperando sua historicidade e legados dos ancestrais.

Então, todos os docentes podem inovar suas práticas pedagógicas nas turmas do Proeja debatendo as leis antirracistas, puxando fios com suas disciplinas ancoradas nas vivências dos alunos, ou seja, os professores de Língua Portuguesa, Matemática e Administração, por exemplo, também têm essa responsabilidade social, uma vez que essa não é uma função exclusiva dos professores de Geografia e História.

Práticas como estas vão de encontro ao epistemicídio que manipula historicamente a ausência dos negros nas academias. Positivamente, desencadeia

um processo de construção identitária e desperta coletivamente o processo de reconhecimento e pertencimento dos alunos, porque somos seres inacabados e, nessa incompletude, a alteridade é fundamental.

## **2.6 Estatuto da Igualdade Racial**

É importante destacar o nome Demóstenes Torres, redator do Projeto de Lei do Estatuto da Igualdade Racial, de Nº 12.288, de 20 de julho de 2010.

Homem branco, senador, que tinha um discurso em defesa da ética, da moral e dos bons costumes, no entanto, longe das mídias sociais era considerado pelos pares como um homem arrogante porque pregava essa santidade do Partido dos Democratas (DEM), ao qual era filiado.

Porém, as incoerências foram aparecendo em seus atos discursivos, uma delas foi atacada veementemente pelo Conselho Nacional de Políticas de Promoção Racial, sendo objeto de carta de repúdio, quando falou em uma audiência pública, no dia 03 de março de 2010, sobre a consensualidade sexual das mulheres negras escravizadas por seus patrões, ousando dizer que elas nunca foram violentadas, que as relações eram consensuais, dando a entender que até prazer elas sentiam. Comportamento racista e sexista do próprio redator do Estatuto, muito comum no Brasil, em que negações como estas tocam em temas como racismo, gênero, sexismo e privilégio branco.

A relação de poder envolve descortinar somente o que é conveniente ao dominador, então ainda que possam existir mais nebulosidades do homem branco e redator desse Projeto De Lei, ainda que tenha sido cassado por falta de decoro parlamentar, o Superior Tribunal Federal (STF) tornou algumas provas ilegíveis, por falta de consentimento. É possível perceber a existência de um pacto de cavalheiros na supremacia branca. Se fosse um negro, possivelmente a “corte” não seria benevolente.

Nesse cenário, a Lei do Estatuto da Igualdade Racial (Lei n. 12.288/2010) foi aprovada e sancionada pelo presidente da época, Luiz Inácio Lula da Silva, e dois anos depois, Torres foi cassado. Importante lembrar que esse ano ela completou 13 anos de vigência e foi idealizada e assinada por um dos senadores negros do Congresso Nacional, de nome Paulo Paim, que em seu governo apoiou as

iniciativas de projetos sociais, tornando-as em políticas públicas, valorizando as preocupações das pessoas alijadas.

Essa Lei teve muita relevância no contexto racial trazendo mudanças nos setores privados, públicos, federais e estaduais, possibilitando a entrada dos negros através das cotas raciais. Hoje, é obrigatório ter um percentual reservado nos concursos, universidades e empregos também.

Muitas instituições ignoravam a existência dos negros, o Estatuto reprime e criminaliza marcas da escravidão como estas e qualquer cidadão pode denunciar essas práticas.

Corroborando com o que consta na Lei n. 12.288/10

Art. 4º A participação da população negra, em condição de igualdade de oportunidade, na vida econômica, social, política e cultural do País será promovida, prioritariamente, por meio de:

I- Inclusão nas políticas públicas de desenvolvimento econômico e social; II - Adoção de medidas, programas e políticas de ação afirmativa;

II- modificação das estruturas institucionais do Estado para o adequado enfrentamento e a superação das desigualdades étnicas decorrentes do preconceito e da discriminação étnica;

III- Promoção de ajustes normativos para aperfeiçoar o combate à discriminação étnica e às desigualdades étnicas em todas as suas manifestações individuais, institucionais e estruturais;

VI- Eliminação dos obstáculos históricos, socioculturais e institucionais que impedem a representação da diversidade étnica nas esferas pública e privada;

V- Estímulo, apoio e fortalecimento de iniciativas oriundas da sociedade civil direcionadas à promoção da igualdade de oportunidades e ao combate às desigualdades étnicas, inclusive mediante a implementação de incentivos e critérios de condicionamento e prioridade no acesso aos recursos públicos;

VII- implementação de programas de ação afirmativa destinados ao enfrentamento das desigualdades étnicas no tocante à educação, cultura, esporte e lazer, saúde, segurança, trabalho, moradia, meios de comunicação de massa, financiamentos públicos, acesso à terra, à Justiça, e outros.

O Estatuto da Igualdade Racial foi um incentivo muito importante para a efetivação das Políticas de Ações Afirmativas e tem possibilitado a consolidação de reparações, oportunidades de acesso, porém, ainda precisamos percorrer um longo caminho para erradicar as desigualdades sociais e raciais, criminalizando efetivamente quem realmente comete o crime de racismo, porque o preconceito ainda existe de forma velada no cotidiano, nos espaços corporativos, pessoais, afetivos, acadêmicos, institucionais-

Ainda que a Constituição Federal de 1988, nossa Carta Magna, explicitamente considere o racismo um delito inafiançável, no artigo 5º, inciso XLII “a prática do

racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;” mesmo tendo 35 anos de existência, o que observamos são branduras na forma de punir quem comete esse crime pagando fianças, o que não deveria acontecer, se é inafiançável. Também não é comum ficarem presos, aliás, nunca escutamos que uma pessoa racista fique realmente reclusa. São debates que mobilizam o movimento negro que milita por justiça e equidade.

Nossa escolha por trazer a legislação foi por entender que ela desempenha um papel fundamental na garantia dos direitos em uma sociedade. Ela define os direitos e responsabilidades dos cidadãos, estabelece padrões para comportamento e protege grupos vulneráveis contra discriminação e injustiça. Ao citar a legislação, estamos não apenas reconhecendo a importância de um sistema jurídico que seja problematizado de forma dialógica e responsiva, integrado aos debates sociais que trouxemos até aqui. Objetivamos com isso empoderar as pessoas, informando-as sobre seus direitos e como podem ser protegidas pela lei.

Não queremos ampliar o debate legislativo, não temos tempo nem profundidade para travá-lo nesse texto, contudo a compreendemos como discursos que desempenham papel vital na construção de sociedades mais justas e capazes de permitirem protagonismos a grupos historicamente silenciados

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 O percurso metodológico

O referencial que conduz todo nosso olhar são as reflexões da análise de discurso sob a perspectiva de Mikhail Bakhtin. Compreendemos seus debates como teórico-metodológicos, assim, precisamos entender que todas as escolhas que nos conduziram até aqui estão totalmente integradas não sendo possível separar desconectar nosso referencial teórico das ações metodológicas dessa investigação. Dito isso, precisamos orientar o leitor de nossas escolhas e da trajetória que nos conduziu até aqui.

Iniciamos o percurso metodológico por uma pesquisa exploratória, entendendo que ela desempenha um papel fundamental no processo de investigação, especialmente quando se trata de abordar tópicos pouco explorados ou complexos. Para Gil (2002) ela tem como objetivo principal a familiarização com o assunto em estudo e a geração de pontos iniciais que podem orientar pesquisas mais detalhadas no futuro.

Nossa pesquisa exploratória utilizou revisões bibliográficas, observações preliminares e perspectivas individuais dessa pesquisadora. Essa abordagem nos permitiu construir uma visão ampla do problema, identificar questões-chave e compreender algumas nuances do tema em questão. Outra característica trazida por Gil (2002) e assumimos como nossa foi a flexibilidade. O autor sustenta que os pesquisadores podem ajustar sua abordagem à medida que avançam, adaptando-se às descobertas e às mudanças de direção que surgem durante o processo. Isso torna a pesquisa exploratória particularmente valiosa na geração de hipóteses, na identificação de lacunas de conhecimento e na definição de estratégias para investigações posteriores.

Ela nos ajudou a delinear o escopo do estudo, a entender melhor o contexto e a formular questões de pesquisa mais precisas, preparando assim o terreno para a complexidade dos discursos dos autores, dos dados que nos deparamos e nossos entendimentos. Nesse contexto, Bakhtin (2016) nos ajuda ao afirmar que colocar o olhar sobre os discursos configura-se como experiência profundamente influente e enriquecedora para a compreensão das complexidades da linguagem e da comunicação humana.

Segundo o autor, o discurso é inerentemente dialógico e contextual, o que significa que ele é moldado pelas interações sociais, pelas vozes de múltiplos interlocutores e pelas influências históricas e culturais. A análise de discurso bakhtiniana reconhece a heterogeneidade e a diversidade linguística, valorizando as diferentes vozes que contribuem para a construção do significado.

Bakhtin também introduziu o conceito de "enunciação" (o ato de falar ou escrever em um contexto específico), enfatizando a importância do contexto social e cultural na interpretação do discurso. Ele argumentou que o significado de um texto não pode ser compreendido isoladamente, mas deve ser considerado em relação ao contexto de sua produção e recepção. Sustentamos como fundamental inserir essa perspectiva na forma como relacionamos os referenciais teóricos utilizados e o perfil étnico racial, predominantemente preto e pardo dos estudantes do proeja.

A segunda característica de nosso trabalho é assumir nossa pesquisa como qualitativa. Compreendemos que as investigações qualitativas desempenham um papel essencial na pesquisa social, pois oferecem uma abordagem profunda e rica para a compreensão de fenômenos complexos e do comportamento humano. Ao contrário das pesquisas quantitativas, que se concentram em números e estatísticas, as investigações qualitativas buscam explorar a profundidade e a subjetividade dos fenômenos. Escolhemos realizar uma pesquisa qualitativa, uma vez que nossa investigação teve como propósito examinar e aprofundar a compreensão do comportamento e da experiência humana, com sugerido por Bogdan e Biklen (1994).

Para as autoras, as investigações qualitativas também são flexíveis, permitindo que os pesquisadores adaptem suas abordagens de acordo com as descobertas emergentes e a evolução do estudo. Elas são especialmente valiosas em áreas como ciências sociais, psicologia, educação e antropologia, onde a compreensão das experiências e perspectivas das pessoas é fundamental.

Em resumo, as investigações qualitativas desempenham um papel crucial na pesquisa científica, oferecendo uma abordagem diversa e contextualizada para a compreensão dos aspectos mais intrincados da condição humana. Elas enriquecem nossa compreensão do mundo social, proporcionando insights valiosos que podem informar políticas, práticas e a tomada de decisões em diversas áreas.

A terceira e última característica de nossa investigação que destacamos é a característica bibliográfica que para Gil (2002) é uma abordagem fundamental e valiosa no campo acadêmico e científico. Ela envolve a revisão e análise de fontes de

informação existentes, como livros, artigos, teses, relatórios e outros documentos escritos, como base para investigações e estudos. Esse olhar em nossa investigação nos permitiu estabelecer uma base sólida de conhecimento sobre um a especificidade de nosso debate, permitindo que identificássemos as lacunas de conhecimento referente aos sujeitos que estamos problematizando e fundamentar nossos argumentos, integrando o contexto do nosso objeto de estudo e os referenciais que nos deparamos ao longo de nossa pesquisa.

Essa característica bibliográfica e nossa postura dialógica frente aos contextos que nos deparamos trazem muitas vozes para nosso trabalho, assumindo um debate polifônico, em que muitas são dimensões discursivas que são incorporadas nas visões de mundo dos sujeitos e conseqüentemente em suas identidades. Para Mikhail Bakhtin(2016), a polifonia é um conceito fundamental em sua teoria da linguagem e do discurso. Ela se refere à multiplicidade de vozes, perspectivas e pontos de vista que coexistem em um texto ou discurso. O autor argumenta que todo discurso é permeado por múltiplas vozes e influências.

A polifonia é uma característica que destaca a natureza dialógica da linguagem e da comunicação humana. Para Bakhtin, o diálogo é a essência da linguagem, e o discurso é um espaço onde diferentes vozes sociais, culturais e ideológicas se encontram e interagem. Essas vozes não são apenas as do autor ou dos interlocutores diretos, mas também incluem vozes sociais, literárias e históricas que moldam o significado do discurso.

Antes de aprofundarmos as polifonias nos discursos pesquisados, os enunciados ditos e não ditos e suas interações com os perfis étnico raciais dos sujeitos do Proeja, é necessário contextualizar as escolhas epistemológicas e os conceitos que tomamos como ato responsável para construirmos eticamente nossas respostas em ligação com a vida.

Diante disso, tenho o objetivo de apresentar como os discursos étnico-raciais e institucionais podem contribuir com os trabalhadores negros do Proeja, a partir deles propor um produto capaz de contribuir com a construção de representatividade no espaço escolar da Educação Profissional Tecnológica através de um ebook formativo: vidas pretas trabalhadoras percebendo-se.

**Imagem 7: Mapa mental da ADD**



Fonte: criação da autora no Canva, 2023.

A ADD é tecida por conceitos que circulam na vida social cotidianamente e explica o dialogismo e os gêneros do discurso nas esferas comunicativas, tais quais o enunciado, interação e signos ideológicos. Entendemos didaticamente que os enunciados são diferentes de frases, eles são as unidades de análises entre as pessoas, que falam por enunciados e não se esgotam no texto ou na língua, mas criam linguagem, trazendo a presença de muitas vozes no mesmo enunciado, em outras palavras, diante o enunciado é uma gota diante de todo um mar discursivo.

Nunca poderemos compreender a construção de um enunciado (por mais autônomo e finalizado que ele nos pareça) sem considerar que ele é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e apropriada história (VOLÓCHINOV, 2019, p. 267)

Nesse mergulho, temos como base dessas relações dialógicas as interações e seus signos ideológicos. Na interação, os enunciados são uma cadeia de outros enunciados, de palavras alheias, carregadas de signos ideológicos, que são valoração. Para Bakhtin quando escutamos ou pronunciamos as palavras, elas significam especialmente emoções, juízos de valores, marcas sociais que são constituintes pelo enunciado.

Nos desdobramentos durante a pesquisa, as palavras valorativas dos autores cruzadas com os dados dos sujeitos dos cursos de proeja apresentam-se plenas de ecos de outros enunciados, foi possível perceber os elos na cadeia comunicativa,

principalmente quando dialogamos sobre as biografias de autoras renomadas negras, bell hooks e Carolina Maria de Jesus, assim como do intelectual branco, Florestan Fernandes e Conceição Evaristo.

Os enunciados não se esgotam de sentidos e possibilidades, sendo assim sabemos que as palavras na ADD estão além da língua, e que se concentram nas interações e construí múltiplos sentidos em todos os envolvidos na pesquisa e que subjetivamente alteraram as vidas dos trabalhadores pretos e pardos do proeja, na dimensão racial e profissional, tecidas por suas conexões no Produto Educacional Ebook autobiográfico formativo: *Vidas negras narrando-se*, uma estratégia de formação continuada para professores da educação básica que atuem no Proeja, um recurso dialógico que aprofunda o debate do racismo estrutural e sugestões literárias de autores pretos que atuam contra os discursos de opressão e lutam por uma sociedade que não invisibilizem a juventude negra e os sentimentos de não pertencimento, de estar “fora do lugar”.

Não negamos a possibilidade de aplicação no Ensino Médio Regular, contudo você perceberá em nossa análise que os sujeitos são predominantemente brancos. Não afirmamos com isso a possibilidade de educação dos brancos sem problematizar o racismo e a história do nosso país que nos traz até aqui, mas não configura critério de inclusão de nossa pesquisa.

Os perfis étnicos raciais dos trabalhadores estudantes do proeja são problematizados principalmente com quatro referenciais bibliográficos amplamente discutidos no âmbito das pesquisas da área e precisam ser inseridos nas reflexões e desdobramentos que envolvem a EPT. O primeiro diálogo que construímos é com a literatura e biografia da escritora bell hooks, com **Ensinando a transgredir**, a segunda abordagem que destacamos é da literatura( **Becos de memória**) e biografia da autora Conceição Evaristo, com o conceito de “escrevivência”, o terceiro olhar é com a literatura e biografia da escritora Carolina Maria de Jesus, com trechos do livro **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**, e o quarto e último prisma que nos apropriamos é o do escritor Florestan Fernandes com **O negro no mundo dos brancos**.

Conforme Bento (2022, p. 62), Florestan “é muito respeitado pelo movimento negro, por suas posições de combate às desigualdades raciais, só conseguiu ver as deformações que a escravidão provocou na personalidade de negros. Ele escreveu em seu mais importante livro “A integração do negro na sociedade de classe”, que “a própria expansão da sociedade de classes se mostra compatível com a condição

precária da população negra, reproduzindo assimetrias e desigualdades em vez de revertê-la” (FERNANDES, 1996, p. 31). A escolha por esse intelectual foi intencional por que as narrativas de suas experiências de vida e atuações na educação para a classe trabalhadora ,dialoga com a polifonia do mundo do trabalho na EJA-EPT, “ segundo o ilustre pensador, o trabalhador tem tanta necessidade de cultura como aquele que não é trabalhador, dentro do princípio de que o trabalhador precisa de uma educação que o transforme em alguém capaz de manter uma posição ofensiva nas relações de classe (p.9) e a importância da escola na sociedade , a qual nós acreditamos no poder transformador dessa instituição para paralisar atos racista, discriminatórios e preconceituosas.

Florestan acredita que o “elemento central da educação é a escola, e dentro da escola, a sala de aula. Nessa perspectiva preconiza uma luta para que a escola e a sala de aula retomem toda sua dignidade e importância pelo fato de ser nelas que se desenrola grande parte do processo educacional” (1991, p. 6)

São debates importantes confrontados pelo intelectual desde 1940, quando já se discutiam as relações raciais e representações estereotipadas, fenômeno que se identificou como “demora cultural” em incluir o negro no projeto societário, dialogando com o mundo do trabalho, superando o isolamento, a anomia e a miséria às quais ainda submetem a população negra.

De acordo com Morgan (1997, p. 777).

[...] grupos focais [são] como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais. Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

Sendo assim, as contribuições desses autores nas pautas sociais de raça, classe, gênero e no mundo do trabalho entrelaçado às vivências que podem contribuir com os sujeitos trabalhadores dos cursos de proeja do Colégio Pedro II. Delineamos as abordagens através da leitura intensa das referências bibliográficas utilizadas, dos dados do portal CPII em números e das experiências pessoais dessa pesquisadora trabalhadora que conduz essa investigação.

## 4 O PRODUTO EDUCACIONAL – E-BOOK: MEMORIAL BIOGRÁFICO FORMATIVO: VIDAS PRETAS TRABALHADORAS PERCEBENDO-SE

### 4.1 Apresentação

Observamos que todo discurso é um discurso dialógico orientado para outra pessoa, para sua compreensão e resposta real ou possível. Essa orientação para o “outro”, para o ouvinte, pressupõe inevitavelmente a consideração da inter-relação sócio-hierárquica que existe entre os interlocutores (BAKHTIN, 2016, p. 280).

O produto educacional é uma interlocução com base no contexto da educação profissional e tecnológica dos discursos entre os referenciais biográficos étnico raciais dialogando com a formação docente no âmbito institucional do Proeja do Colégio Pedro II, desse modo, acreditamos na formação contínua dos professores centrando-se seus estudos em uma educação antirracista voltada para uma educação integral emancipatória, priorizando a noção de trabalho como princípio educativo.

### 4.2 Produto Educacional

#### Descrição técnica do produto:

**Origem do produto:** E-book biográfico formativo na perspectiva do gênero do discurso que será fruto do resultado de pesquisa intitulado “Os corpos negros dos alunos trabalhadores no Proeja: narrativas teóricas de lutas, desafios e possibilidades.

**Nível de ensino a que se destina:** Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à Educação Profissional e Tecnológica.

**Área de conhecimento:** ensino.

**Categoria deste produto:** E-book biográfico formativo na perspectiva da análise do discurso.

**Finalidade:** proporcionar aos docentes que lecionam na EJA integrada à Educação Profissional um ebook: memorial biográfico formativo na perspectiva da análise dialógica do discurso

**Registro:** na Biblioteca do Colégio Pedro II, campus de São Cristóvão.

**Avaliação do produto:** a aplicação será realizada para os docentes do Colégio Pedro II, que lecionam no Proeja. Será avaliado por professores componentes da banca de defesa da dissertação.

**Disponibilidade:** irrestrita, zelando com respeito pela autoria do produto.

**Divulgação:** por meio digital.

**Instituição envolvida:** Colégio Pedro II, localizado no Rio de Janeiro.

**Idioma:** português.

**Cidade:** Rio de Janeiro.

**Ano:** 2023

O produto educacional foi uma construção coletiva e singular, que atende a relevância do ProfEPT e tendo sua expressividade no formato digital, que é um ebook biográfico formativo “vidas negras percebendo-se” é uma proposta discursiva interdisciplinar para o trabalho com Análise Dialógica do Gênero do Discursivo (ADD), em que os perfis étnico raciais dos trabalhadores-estudantes negros atravessadas por discursos de preconceito e discriminação racial alteram seus itinerários formativos extrapolando as salas de aula.

Entendemos que os discursos que permeiam as relações sociais não são neutros, sendo assim, escolhemos o memorial por se tratar de um gênero acadêmico autobiográfico que possibilita a construção de enunciados com intenção discursiva que ecoam em outros enunciados, chamados de palavras alheias dos outros (BAKHTIN, 2016, p. 51). As sugestões no e-book formativo alcançará os docentes e também estudantes da EJA integrados à EPT nas ressonâncias de das trajetórias educacionais e cotidianas.

Foi desenvolvido para docentes de curso técnico integrado pertencentes ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica na modalidade de Jovens e Adultos em Rede Nacional, na área de ensino, associado ao Colégio Pedro II (CPII), ofertado pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnológica.

A pesquisa realizada resultou da Dissertação “OS CORPOS NEGROS DOS ALUNOS TRABALHADORES NO PROEJA: NARRATIVAS TEÓRICAS DE LUTAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES”.

### **Proposta do Produto Educacional:**

Nesta perspectiva o Produto Educacional é uma interlocução a partir dos enunciados étnicos raciais construídos para a formação docente da educação profissional de jovens e adultos, através das literaturas e das quatro obras citadas

no decorrer da dissertação, sabendo dos desafios diários de enfrentamentos das desigualdades sociais e possíveis microagressões raciais em que os alunos pretos e pardos sofrem nos espaços institucionais e nas relações profissionais, nos debruçamos nas bibliografias dos debates raciais e constatamos a presença do racismo permeando os currículos impedindo plenamente os direitos existenciais, como acesso, permanência e aproveitamento desses estudantes trabalhadores.

Neste ebook biográfico formativo, poderá ser encontrado um conjunto de atividades formativas que em nada se compara com sequências didáticas, pois são eventos que podem se hibridizar dialogicamente com sugestões de literaturas dos autores mencionados na pesquisa e outros dessa linha racial, contribuindo para a militância das relações étnico-raciais, uma luta consciente dos sujeitos da pesquisa: estudantes trabalhadores da EJA integrados à Educação Profissional e aos professores que ensinam nessa modalidade.

Neste sentido, Bakhtin ajuda a entender como se dá essa conscientização ao incorporarmos as palavras alheias às nossas falas. Vêm no pacote ideológico: nossas concepções, ideias, crenças, percepções existenciais. As lutas contra as opressões são movimentos discursivos que legitimam as experiências de cada um e as apresentamos como algo novo ou nosso. As histórias de vidas se aproximam, reforçam e constituem nossas subjetividades.

Assim, as palavras agem como construção potente de enunciados e como ato de resistência, que, de acordo com hooks (2019, p. 47):

Falar como um ato de resistência é bastante diferente de uma conversa corriqueira, ou da confissão pessoal que não tem nenhuma relação com alcançar consciência política, desenvolver consciência crítica.

A escrita e criatividade no E-book formativos é para motivar os debates com sugestões de livros e slides das histórias de vida dos intelectuais que influenciaram nas discussões das lutas raciais: bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Florestan Fernandes que potencializa nossas discussões étnico raciais e o lugar da escola no mundo do trabalho.

O e-book formativo Vidas pretas trabalhadoras percebendo-se, ampliou nossas percepções de mundo e corroborou com discussões do sentimento de não pertencimento nas representatividades que jovens e adultos pretos não têm na sociedade e no Colégio Pedro II, como os dados estatísticos pontuam. O proeja é um espaço ético, estético e político que luta contra todas as formas de silenciamentos dos menos favorecidos. Nosso embasamento teórico se justifica

criando ressonâncias no produto educacional, por isso, traçamos os perfis raciais dos alunos pretos no Colégio Pedro II e traçamos um breve panorama das trajetórias legais das lutas raciais no Brasil.

Na época do Império, apenas os brancos tinham direitos, os negros não eram vistos em sua humanidade e, portanto, não possuíam cidadania. Essa existência só quem tinha era a minoria da população que pertencia à elite econômica, sendo o negro cruelmente excluído da educação básica. A primeira Lei que garantiu esses direitos legais foi a Constituição de 1824, que tinha influência europeia e garantia educação primária e gratuita para todos os cidadãos, porém, a maioria da população, que era preta, não poderia ter esse direito legal, já que não eram vistos como cidadãos na perspectiva do governo imperial.

Os percursos teóricos dos estudantes trabalhadores negros do proeja estão ancorados nos estudos da Análise do Discurso de Bakhtin (2016) e hooks (2019), que estudam o protagonismo negro e suas construções subjetivas, despertando-nos a pensar em suas biografias, na multiplicidade dos discursos que transcendem à cor, ausências das Políticas Públicas, aos medos, à subalternização e outras situações que atravessam as vidas pretas.

Segundo Bakhtin (2016, p. 60-61):

Qualquer que seja o objeto do discurso do falante, ele não se torna objeto do discurso em um enunciado pela primeira vez, e um determinado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes.

O Produto Educacional foi atravessado por muitas vozes plenas de ecos de outras vozes sociais, as quais podemos citar algumas: alunos, família, amigos, professores, visão de mundo, juízo de valores etc. É importante destacar que esse ele será validado na defesa de dissertação de Mestrado. Busca-se alinhar a proposta com base nos estudos de Florestan (2021), Freire (2021), e nos pressupostos e desafios das Bases Educacionais e Tecnológicas do PROEJA.

Para Bakhtin, a palavra é neutra, pois não pertence a ninguém, nenhum enunciado é exclusivo de um único falante porque nossos discursos refletem as palavras alheias e por isso, não há uma única autoria, ela é constituída na trama da vida. A pesquisa nos atravessou polifonicamente, responsivamente e amorosamente nossos mergulhos nos debates raciais e nos dados estatísticos revelam a urgência no acolhimento educacional e profissional dos estudantes negros trabalhadores que, em seus percursos retornam às escolas via EJA, buscando dignidade, valorização e

direitos as mesmas oportunidades profissionais do que pessoas brancas, no entanto, os estudos com os autores citados ratificam o racismo sistêmico que privilegia a branquitude em detrimento do preto e os excluem de seus direitos humanos.

As obras que escolhemos para entrecruzar com as questões raciais dos jovens negros trabalhadores da educação profissional e tecnológica, tem como primeira autora, Glória Jeanes Wakins, mulher preta, intelectual, feminista, estadunidense, esse é seu nome verdadeiro, mas por escolha política em homenagem sua bisavó, passou a ser reconhecida como bell hooks. Uma mulher negra que na época da segregação racial era considerada uma pessoa que não deixava ser silenciada, não tinha "papa na língua".

As meninas pretas da classe trabalhadora tinham três opções profissionais: casar, trabalhar como empregada doméstica ou ser professora, funções laborais que não eram concebidas como atividades cognitivas. Para as mulheres pretas ser professora era aceitar o convite político nas lutas antirracistas, um compromisso intelectual, contra hegemônico e amoroso com as crianças pretas nas escolas segregadas.

bell hooks, percebeu rapidamente as discrepâncias nos movimentos discursivos raciais nas escolas dessegregadas frequentadas pelas professoras brancas que reforçavam os estereótipos racistas, em que o conhecimento não despertava mais encantamento porque passou a ser informações engajadas com práticas de dominação e não uma educação libertadora. A empregabilidade era o destino das mulheres pretas porque não eram consideradas inteligentes para cargos renomados, por isso mesmo sonhando em ser escritora, bell hooks aceitou seu destino profissional como professora de inglês, estudos afro-americanos e estudos da mulher no City College de Nova York, adiando seu chamamento vocacional.

Suas íntimas relações de produção de conhecimentos vêm desse lugar de não privilégios, pois desde cedo conviveu com as opressões do patriarcado e tendo em sua avó um referencial e uma vida dedicada as causas raciais, feminista, sexista e antirracista, hooks é um importante legado para as pessoas pretas e pardas do mundo. Sua luta é para que mulheres pretas percebam a potência de suas vozes, compreendendo seus posicionamentos afrocentrados na sociedade, ocupando responsabilmente seus lugares de falas, lugar este que ninguém poderá substituir.

A segunda autora continua nos ajudando a pensar nas desigualdades das relações étnicas raciais enfrentadas por mulheres pretas trabalhadoras, Carolina Maria de Jesus, uma mulher além do seu tempo, que encontra na literatura denominada de contra narrativa, possibilidades de testemunhar na escrita suas mazelas sociais em forma de denúncia, descortinando a pobreza, a fome, falta de Políticas Públicas vivenciada por ela, seus três filhos e os moradores da favela do Canindé, em São Paulo. Escrever e publicizar faz parte das lutas antirracistas dessa autora, sua vida foi marcada pela literatura. Tinha o hábito de escrever em seus diários sobre as ausências políticas. Escrevia quando sentia fome, quando seus filhos não tinham uma refeição digna, quando a alma doía, quando abria a janela e sentia alegria com o toque suave do vento e escreveu quando saiu da favela e realizou o sonho da aquisição de uma casa de alvenaria, sendo uma das escritoras pretas mais lidas na atualidade.

A terceira mulher preta, escritora, doutora em literatura e professora que debruçamos na construção dos debates afrocentrados no mundo do trabalho foi Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em Belo Horizonte em 1946, origem humilde e moradora da periferia, enfrentou muitos desafios no mundo do trabalho. Seus livros inicialmente foram rejeitados pelas editoras, demorando mais de vinte anos para ser publicado.

Um de seus livros publicados em 2006, foi *Becos de Memórias*, em que narra a pobreza e o desfavelamento. Sua literatura traz como protagonista as mulheres pretas que são silenciadas como símbolo de resistência à pobreza e a discriminação em suas múltiplas dimensões, principalmente na dimensão criadora do trabalho assumidas nas interações e interlocuções sociais e históricas em que os seres humanos são sujeitos criadores pela ação consciente do trabalho (LUKÁCS, 1978) articulam o trabalho como mundo da liberdade.

É nesse contexto que podemos perceber a relevância desses autores, finalizo com o sociólogo, professor Florestan Fernandes, homem branco, proletariado, defendia a desigualdade social, a democratização da escola e a inserção de pessoas pretas na sociedade, para ele a classe social está relacionada a cor. Lutou contra os discursos opressores favor de uma falsa brasilidade, desnudando o mito racial defendido por estudiosos da época. Seu legado, assim como as outras obras estudadas é uma resposta ao nosso problema de pesquisa: Quais são os

enunciados que os debates étnicos raciais podem construir na formação de alunos trabalhadores pretos da educação profissional de jovens e adultos?

## 5 ANÁLISE DE DADOS

A história do Colégio Pedro II remonta ao século XIX, sendo uma das instituições de ensino mais antigas e prestigiadas do Brasil. Sua fundação está ligada à necessidade de proporcionar uma educação de qualidade no contexto do império brasileiro, o que nos permite trazer a perspectiva de ofertar em sua fundação processo formativo a determinados grupos privilegiados dos remanescentes da corte.

O Colégio Pedro II foi criado por decreto do Imperador Dom Pedro II em 2 de dezembro de 1837, sob o nome de "Imperial Colégio de Pedro II". Sua missão inicial era proporcionar uma educação voltada para a formação de líderes, intelectuais e cidadãos preparados para os desafios da época. Durante o Império, o colégio desempenhou um papel central na educação do país, oferecendo ensino de nível secundário e preparando estudantes para o ingresso na universidade. Com o advento da República em 1889, a instituição passou por mudanças, mas manteve sua relevância no cenário educacional.

Quando adentramos nos dados referentes aos estudantes do ano de 2021, muitas são as possibilidades de recortes. Unidade administrativa, municípios de domicílio, idade ou cursos escolhidos pelos estudantes são algumas possibilidades, contudo, nossa escolha de pesquisa é o recorte étnico racial e iniciarmos a observação pelo ensino médio regular remonta aos privilégios herdados desde o período imperial e nos ajuda a compreender os itinerários que nos conduziram até aqui.

**Tabela 8: Dados étnico-raciais dos estudantes do ensino médio regular do Colégio Pedro II em 2021**

	Amarela	Branca	Indígena	Não declarada	Parda	Preta
EM Regular	16	2289	4	215	1069	359

Fonte: CPII, 2021.

Ao observarmos os dados étnico-raciais dos estudantes do ensino médio regular matriculados no ano de 2021, facilmente percebemos a discrepância numérica entre o quantitativo de alunos brancos (2289) e pretos e pardos (1069 + 359). O histórico do colégio na formação das elites insere um contexto de luta dos menos

favorecidos em fazer parte dos bancos escolares da instituição. Não negamos que políticas de ações afirmativas e a entrada de discentes a partir de sorteio são importantes medidas que problematizaram o papel da instituição na formação dos habitantes do estado do Rio de Janeiro. Quando pensamos no contexto dos cursos de proeja o cenário é ainda mais complexo.

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) no Colégio Pedro II marca por importantes avanços na oferta de educação aos menos favorecidos. A implementação do PROEJA no colégio ocorreu em um contexto de mudanças significativas na educação brasileira, especialmente a partir dos anos 2000, quando o governo federal intensificou os investimentos em programas de educação profissional voltados para adultos.

Cabe destacar que, a introdução do PROEJA no Colégio Pedro II representou um marco na sua história, pois possibilitou a ampliação do acesso à educação profissional para aqueles que, por diferentes razões, não haviam concluído sua educação básica no tempo regular. Ao longo dos anos, o PROEJA no Colégio Pedro II desenvolveu diversos cursos técnicos e de formação profissional que atenderam às demandas locais e regionais, contribuindo para a formação da classe trabalhadora e o fortalecimento da educação profissional no Brasil. Todavia, precisamos aprofundar esse debate e problematizarmos o cenário atual, que apesar de avanços, precisamos olhar criticamente os números que inserem o colégio em um contexto de ensino regular para grupos privilegiados e a educação profissional para aqueles que são colocados à subserviência de uma inserção mais imediata no mundo do trabalho.

Nossa investigação tenta remontar esse cenário escolar aos olhos de hoje e das questões étnico raciais latentes à formação da classe trabalhadora. Para tal, nosso olhar nesse momento é concentrado sobre o ano de 2021. Nossa escolha de pesquisa é dedicar atenção ao último ano disponível com suas estatísticas e isso nos trouxe ao período delimitado por 2021.

Esse ano o colégio ofereceu processo formativo a 13.639 estudantes divididos pela educação infantil (168 estudantes), ensino fundamental (6.702 estudantes), ensino médio (5.688 estudantes), especialização (655 estudantes), graduação (244 estudantes) e mestrado (182 estudantes). Nesse cenário 7.289 sujeitos se declaram brancos enquanto 1.628 negros e 3.996 pardos o que nos permite problematizar que

o acesso aos bancos escolares da instituição não é igual. Contudo quando adentramos à Educação Profissional o cenário se torna ainda mais problemático.

**Tabela 9: Dados étnico-raciais dos estudantes do ensino médio do Colégio Pedro II em 2021**

	Amarela	Branca	Indígena	Não declarada	Parda	Preta
EM regular	16	2289	4	215	1069	359
Assistente administrativo PROEJA	7	91	5	8	101	56
Auxiliar de RH		9			3	6
Administração	3	98	2	9	101	36
Administração PROEJA	6	127		26	178	96
Desenvolvimento de sistema	2	228	1	24	179	77
Guia de turismo		7		1	6	5
Instrumento musical		27		2	22	7
Manutenção e suporte em informática PROEJA		19	1	4	27	18
Meio ambiente		31	1	3	24	5
Intérprete em libras		19		3	16	9
Total EPT	18	656	10	80	657	315

Fonte: CPII, 2021.

Quando inserimos os cursos de educação profissional percebemos crescimento dos números de alunos que se consideram pretos, pardos e indígenas quando comparamos com o ensino médio regular, o que reflete o que Kunzer (2011) afirma que evidencia aqueles que podem esperar pela inserção no mundo do trabalho e escancara privilégios intrinsecamente ligados ao debate étnico racial da classe trabalhadora.

As características pretas, pardas e indígenas dos estudantes na educação profissional desempenham um papel fundamental na compreensão das desigualdades no acesso à educação e à entrada no mundo do trabalho. A falta de igualdade nessas áreas está intrinsecamente ligada a questões históricas e sociais que afetaram esses grupos ao longo do tempo. Historicamente, esses grupos minoritários enfrentaram discriminação, marginalização e exclusão educacional. Isso resultou em disparidades significativas no acesso à educação, o que impactou diretamente suas oportunidades de escolha. A falta de igualdade no acesso à educação profissional pode perpetuar essas desigualdades, já que a formação profissional é frequentemente um trampolim e ao discurso de falsa representatividade sob o prisma de empregabilidade e do mercado de trabalho (FRIGOTTO, 2001).

Além disso, as características étnicas e raciais dos estudantes podem influenciar suas experiências no mundo do trabalho. A discriminação racial persistente pode limitar o acesso a empregos, salários justos e promoções profissionais. Isso cria um ciclo de desigualdade, onde as oportunidades educacionais limitadas resultam em restrições no mundo do trabalho, o que, por sua vez, afeta o acesso à educação continuada e ao desenvolvimento profissional.

Quando comparamos os cursos de Proeja com o ensino médio regular as questões ficam ainda mais latentes.

**Tabela 10: Dados étnico-raciais dos estudantes do Proeja e ensino médio regular do Colégio Pedro II em 2021**

	Amarela	Branca	Indígena	Não declarada	Parda	Preta
EM regular	16	2289	4	215	1069	359
Assistente administrativo PROEJA	7	91	5	8	101	56
Administração PROEJA	6	127		26	178	96
Manutenção e suporte em informática PROEJA		19	1	4	27	18
Total EPT	13	237	6	38	306	170

Fonte: CPII.

Os dados trazidos acima nos permitem dizer que a educação profissional desenvolvida no âmbito dos cursos de proeja do colégio Pedro II é preta e parda, em que a formação emancipatória precisa ser acompanhada de processo capazes de permitirem a percepção de si, do outro e das relações. Para abordar essa falta de igualdade, é essencial implementar políticas e práticas educacionais inclusivas que promovam a diversidade e a equidade. Isso inclui medidas como ações afirmativas, currículos que valorizem a diversidade cultural e étnica, programas de orientação e suporte, além de estratégias para combater o racismo e a discriminação no ambiente educacional e no mundo do trabalho.

Em resumo, as características pretas, pardas e indígenas dos estudantes na educação profissional no âmbito do proeja são indicativas das desigualdades históricas e sociais que afetaram esses grupos. Para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária, é fundamental abordar essas desigualdades por meio de políticas e ações que promovam o acesso equitativo à educação e oportunidades no mundo do trabalho, e ações que materializem discursos representativos de sua cultura e da própria cidadania.

A pesquisa corroborou com as discussões bakhtiniana no tocante a dialogicidade da vida como um ato responsivo sem álibi ou tentativas de fugas, entendendo a impossibilidade de se estar em outro lugar. Lugar ético e político que afirmamos a favor dos oprimidos que são silenciados na vida. A linguagem para Bakhtin é um fenômeno possível por meio da interação entre os sujeitos e constituídas por uma multiplicidade de vozes, o que conceitua de polifonia. Vozes estas que compõem a subjetividade, mas que nem todas as pessoas são privilegiadas em assumir quem de fato são sem serem rechaçadas pelos discursos a atos discriminatórios.

O discurso, a fala, a maneira como nos relacionamos, não expressa somente a nossa voz, mas as vozes de todas as pessoas que nos relacionamos com aproximações e apropriações dos discursos que são internalizados e alteram quem nós somos. Há momentos que incorporamos as palavras de outras pessoas como se fossem nossas e nem percebemos que aquele discurso é de outra pessoa que agora tornou-se nosso, habitando o subconsciente.

Por meio da interação social construímos subjetividades, sendo assim, significa que nas trocas de mensagens e pontos de vista, cada sujeito tem suas ideias e percepções e, a partir delas se relacionam com o mundo e acontecem o que

Bakhtin conceitua de finalidade comunicativa, que é a escolha das palavras nas relações dialógicas para que o outro que está na interação entenda os sentidos enunciativos.

O cenário do Proeja da instituição nos permite problematizar: quais são os enunciados de opressão e hostilidade dos alunos pretos em seus processos formais dentro do Colégio Pedro II? Quais os conflitos, dores, discriminação, preconceitos raciais emergem nos discursos?

Em relação ao aparato legal e institucional, temos o Decreto nº 5.840 de 13 de junho de 2006, que legitimou o Proeja no âmbito federal, Documento Base do Proeja do Ensino Médio, elaborado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação. São documentos importantes denominados de discursos oficiais. Temos os discursos das leis antirracistas, como a Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, alterada pela Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. A Lei nº 12.288 de 20 de julho de 2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial.

Compreendemos a bibliografia ampla e sólida, contudo utilizaremos quatro como essenciais para o debate que estamos construindo. Promover as interações entre os alunos a partir das literaturas e biografias de autores negros, como bell hooks e Carolina Maria de Jesus; discutir sobre a formação da classe trabalhadora preta e proposições para superação e desconstrução racial na sociedade; ter outras literaturas negras e brancas como sugestões de formação continuada, como as da Conceição Evaristo e do autor branco Florestan Fernandes são importantes passos no sentido de construirmos uma educação profissional no âmbito do proeja do colégio Pedro II capaz de problematizar as questões étnico raciais no interior do processo educativo dessa classe trabalhadora.

A discussão sobre questões étnico-raciais na construção da percepção de si através dos discursos escolares desempenha um papel fundamental na formação de uma sociedade mais justa e inclusiva. Isso ocorre porque a escola desempenha um papel central na socialização das crianças e dos jovens, moldando não apenas seus conhecimentos acadêmicos, mas também suas identidades e valores.

Quando as questões étnico-raciais são abordadas de forma adequada no ambiente escolar, isso contribui para que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda da diversidade cultural e étnica que compõe a sociedade. Isso, por sua vez, ajuda a combater estereótipos e preconceitos que

podem surgir a partir de uma falta de conhecimento sobre as diferentes culturas e histórias das pessoas. Além disso, a discussão dessas questões também permite que os estudantes de grupos étnico-raciais minoritários se sintam mais valorizados e representados no ambiente escolar. Quando as escolas reconhecem a inclusão e celebram a diversidade, os estudantes negros, indígenas, asiáticos e de outros grupos étnico-raciais podem desenvolver uma percepção mais positiva de si mesmos, reconhecendo a importância de suas contribuições para a sociedade.

Por outro lado, ignorar ou evitar o debate sobre questões étnico-raciais nas escolas pode perpetuar preconceitos e discriminação. Isso pode resultar em estudantes de grupos étnico-raciais minoritários se sentindo marginalizados e invisíveis, o que pode afetar negativamente sua autoestima e seu desempenho acadêmico. Portanto, a discussão aberta e honesta sobre questões étnico-raciais nas escolas é essencial para promover a compreensão, a empatia e a igualdade entre os estudantes. Destacamos a importância de intensificarmos esses debates em um cenário em que os estudantes fazem parte de grupos étnico raciais marginalizados do processo educativo regular.

### 5.1 O discurso dos autores pretos na formação do trabalhador

Imagem 8: Temas para análise do discurso



Fonte: criação da autora no Canva, 2023.

Os diálogos que construímos até aqui revelaram uma tensão de conflitos nos debates raciais na formação do trabalhador. Por questões didáticas foi criado no gráfico os três principais balizadores para as análises dos discursos, no entanto seria incoerente epistemologicamente categorizar os enunciados, pois eles vão se

encontrando nos inacabamentos dos discursos e se entrelaçando para além das três questões. A pesquisa nos inquieta com relação as questões raciais e a formação do aluno trabalhador no Proeja e seus possíveis silenciamentos institucional e na sociedade, em como são impactados em seus itinerários singulares e formativos.

A escritora feminista preta Angela Davis em seu livro **A liberdade é uma luta constante**, citado no início da dissertação, corrobora com as questões de violência cometidas pelos policiais contra pessoas pretas, ela mesma foi presa injustamente, em seu livro sinaliza sobre a urgência na sociedade sobre uma mudança sistêmica contra o racismo e contra as violências racistas dos policiais, mas reflete de que as intervenções não podem ficar concentrados no individual, mas que é uma luta sistêmica, ela diz que há uma cruel relação dos signos ideológicos que ligam a negritude ao crime, o que se observa nas filtragens dos policiais, É importante destacar os impactos nessa relação discriminatória que desumaniza e ataca a psique das pessoas pretas.

As narrativas de bell hooks a partir do livro ensinado a transgredir em que um trecho é lido sobre as mudanças que ela viveu na escola na época de segregação racial, em que tinha prazer de estudar quando tinha apenas pessoas pretas e as professoras ensinavam a partir de suas próprias lutas e resistências. Porém com a segregação, tendo que frequentar as escolas da branquitude, tudo mudou porque era vista como uma intrusa e sofreu muito racismo.

O discurso que nos atropela é o da meritocracia, que possibilita as melhores condições de trabalho e de estudo para a elite e sua geração em detrimento da classe popular, que não tem as mesmas oportunidades e por isso estarão sempre em desvantagens. No início dos estudos do mestrado, meu filho disse que só tinha uma professora preta na escola onde estuda e o provoqueei a pensar o porquê, ele usou um enunciado meritocrático ao afirmar que era porque as outras professoras pretas não eram boas os suficientes para trabalhar no colégio dele.

Retomando há pouco tempo essa conversa, a percepção dele é totalmente diferente, dizendo que é porque a escola é racista, o seu olhar está mais treinado para perceber as microagressões raciais.

A renomada autora preta e ativista bell hooks, deixou marca indelével no campo da educação com seu livro "Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade". Nesta obra, hooks oferece uma visão provocativa e inovadora sobre como a educação pode ser transformadora e libertadora para os sujeitos. Uma

das principais contribuições de bell hooks é a ênfase na importância da pedagogia crítica. Ela argumenta que a educação não deve ser apenas um processo de transmissão de conhecimento, mas também um espaço onde os estudantes são encorajados a questionar, desafiar e até mesmo transgredir as normas e estruturas de poder existentes. Através da pedagogia crítica, hooks busca capacitar os estudantes a pensarem criticamente sobre as questões sociais, culturais e políticas que os afetam, incentivando-os a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades.

Além disso, bell hooks destaca a importância da conexão entre o ensino e a vida cotidiana dos estudantes. Ela argumenta que a educação deve ser relevante e significativa para os sujeitos, abordando suas experiências e vivências pessoais. Ao reconhecer a diversidade de experiências e identidades dos estudantes, hooks promove a ideia de que a educação pode ser um espaço inclusivo e acolhedor, onde cada sujeito se sente valorizado e ouvido.

Uma das principais contribuições de bell hooks é a sua análise crítica das interseções entre raça, gênero e classe. Ela explora de forma aprofundada como essas dimensões de identidade se entrelaçam e afetam a vida das pessoas, especialmente as negras e pardas, que muitas vezes enfrentam múltiplas formas de discriminação e opressão. Ao entender essas interseções, os sujeitos pretos e pardos podem desenvolver uma consciência mais aguda de como as estruturas de poder operam em suas vidas e nas sociedades em geral.

A segunda autora que nos apropriaremos em nossa análise é Carolina Maria de Jesus e sua literatura testemunhal. Pesquisamos em sua biografia sobre as condições de vida dessa autora que morava em uma favela e tinha como trabalho catar latinhas e papelão nas ruas como forma de existência e sua luta para ser reconhecida como escritora. O gênero literário dessa escritora é uma contra narrativa, assim como as de bell hooks, são literaturas testemunhal que narram seus desafios enquanto mulheres e homens pretos marginalizados pela sociedade que durante anos esse tipo de literatura não era valorizada, sendo criticada e invalidada pela academia e por seus grandes escritores, sendo alvos de críticas por grandes escritores, não sendo considerada uma obra canônica.

Compreender a obra da escritora Carolina Maria de Jesus e seus os atravessamentos sua posição laboral, raça, classe e gênero na sociedade nos convida perceber os discursos para além do texto e das palavras e se expressam

por meio da linguagem que não necessariamente será verbal, e percebemos nessa roda, os silêncios como enunciados, os olhares como enunciados, as lágrimas como enunciados, as emoções nos rostos dos alunos como um alargamento do olhar que quando “olha para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro”. (BAKHTIN, 2018, p.341) e participa plenamente com toda sua vida se colocando na fronteira em conexão com o que altera a vida dele e a do outro.

A alteridade nos acompanhou na construção coletiva e singular as narrativas de vida, superação, luta, pseudoascensão social e do reconhecimento tardio de sua obra. Trazendo a minha memória o início das minhas inquietações e mergulhos na literatura preta, quando também aceitei o convite para ler autores pretos, literatura que tem dado conta na vida de ter uma compreensão atenta aos discursos raciais antagônicos, da nossa (minha) subjetividade, ajudado aos “pulos” nos enfrentamentos cotidianos, teóricos, referenciando discursivamente na sociedade.

O aceite a convocatória em conhecer diferentes gêneros discursivos, como a literatura e suas dimensões, principalmente as contranarrativa, em que mulheres e homens negros, marginalizados socialmente encontram possibilidades de narrarem suas histórias de vidas com uma escrita potente e transformadora. Há deslocamentos quando estudamos não simplesmente “sobre” um determinado autor, mas quando a conversa é com ele, somos contagiados por suas palavras e nos apropriamos de seus enunciados, reverberando para além de nós um compromisso histórico-cultural-social.

Não podemos ser ingênuos pensando que a branquitude, que é todo um sistema perverso, opressor use nossas vidas pretas, objetivando simplesmente ouvir nossas vozes para eliminar o racismo. Se assim fosse verdade, poderíamos até nos aliar a esse combate, deixando que a branquitude, que é o sistema racial privilegiado falar sobre e pôr fim ao poder narcísico, mas não é o que acontece.

Não podemos ser radicais, quando escrevo sobre os mecanismos de opressão da branquitude, refiro-me não de forma individual, porque trabalho com muitas pessoas brancas no combate a branquitude, que é todo um Sistema hegemônico criminal. Quando conversamos e escrevemos sobre os movimentos de exclusão, como é o racismo, fazemos isso para colidir com o mito racial e não para orbitamos em torno dele sem de fato combatê-lo em sua raiz.

Percebo que temos avançado nos debates étnico-raciais e a sociedade está mais consciente de seus direitos nesse campo. Porém, as pessoas pretas ainda são

silenciadas, mau remuneradas, mau alfabetizadas, criminalizadas, mortas, tendo privações de acesso e oportunidades, mas penso que estamos caminhando para uma liberdade, que segundo Davis (2018) “é uma luta constante”.

Nos discursos da branquitude são reforçados a manutenção do pacto narcísico entre os brancos. Nossas análises não se esgotaram com as investigações porque somos seres inacabados, no entanto encontramos possíveis respostas ao problema com as investigações das obras estudadas e pelos enunciados que circulam nas esferas sociais. A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus cujas contribuições no campo da literatura testemunhal deixou um valor e esperança imensa na formação dos trabalhadores pretos e pardos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Seu livro mais conhecido, **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**, oferece uma visão vívida e crua da vida nas favelas brasileiras e das lutas enfrentadas pelos trabalhadores negros e pardos que em sua maioria são periféricos, como afirma o professor Arroyo.

Uma das principais contribuições de Carolina Maria de Jesus é a capacidade de dar voz aos invisíveis e marginalizados. Seu diário pessoal, escrito em linguagem acessível e direta, documenta as dificuldades cotidianas vivenciadas por pessoas que muitas vezes são negligenciadas pela sociedade. Isso é especialmente relevante para os trabalhadores pretos e pardos do PROEJA, que podem se identificar com as experiências compartilhadas por Carolina e encontrar validação de suas próprias vivências e ascender socialmente através da literatura.

A terceira autora que sustentamos em nosso discurso como fundamental na emancipação dos estudantes trabalhadores pretos e pardo do Proeja é Conceição Evaristo. Ela é uma escritora e poetisa brasileira cujas contribuições e obras têm um impacto significativo na formação dos trabalhadores pretos e pardos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Sua escrita e sua trajetória pessoal representam uma poderosa voz para a representatividade e a luta contra o racismo estrutural no Brasil.

Uma das principais contribuições de Conceição Evaristo é sua habilidade em dar vida às experiências e histórias das comunidades negras e pardas brasileiras. Seus textos, frequentemente situados nas favelas e nas periferias urbanas, oferecem uma narrativa autêntica e sensível das realidades vividas por muitos trabalhadores negros e pardos. Essas histórias não apenas validam as experiências desses indivíduos, mas também proporcionam uma oportunidade para que eles se

vejam representados na literatura e na sociedade de maneira mais ampla. Além disso, a obra de Conceição Evaristo desafia os estereótipos e preconceitos que muitas vezes cercam as comunidades negras e pardas. Suas histórias exploram temas como identidade, ancestralidade e resiliência, mostrando a complexidade e a riqueza das experiências negras no Brasil. Isso é particularmente valioso para os trabalhadores do PROEJA, que podem se inspirar e encontrar força em suas narrativas para enfrentarem desafios em seus percursos.

Conceição Evaristo também é uma defensora da educação como ferramenta de emancipação e empoderamento. Sua própria trajetória, que a levou da condição de empregada doméstica a uma renomada escritora e acadêmica, mesmo tardiamente, é um exemplo poderoso de como a educação pode transformar vidas.

Essa história de superação e sucesso pode servir de inspiração para os trabalhadores pretos e pardos do PROEJA, incentivando-os a buscar o conhecimento como uma forma de romper com as barreiras impostas pela desigualdade.

Essa pesquisadora, morou desde a infância na periferia, enfrentando os desafios cotidianos para conciliar estudos, trabalho e família, lidando com deslocamentos longínquos, luto pela avó, uma grande incentivadora nos estudos e dificuldades financeiras. No mês da formatura da graduação em pedagogia, sonhando em exercer a docência, foi obrigada pela ausência de recursos financeiros, a aceitar um trabalho, entendendo o trabalho como princípio da existência/ sobrevivência, mesmo fora do campo da educação, ficou cinco anos vendendo sua força de trabalho. No entanto, o sonho dessa pesquisadora preta era maior do que todas as barreiras, de horários, deslocamentos, financeira, emocional e raciais, buscando forças nos estudos, nas formações contínuas e no amor pela docência e na educação, entendendo-a como uma pedagogia da liberdade, foi transformada. Passei em alguns concursos, sendo atualmente uma servidora pública na profissão inicialmente escolhida pela avó e que virou a minha de coração. Hoje, aos quarenta e três anos de idade conseguiu sair da periferia e traz à memória afetiva da avó e do avô que quando ainda era um bebê deram-lhe uma vida, amando, acreditando e enfrentando o racismo e as desigualdades sociais para que um dia esse bebê fosse forte e lutasse pelos seus direitos.

Em resumo, essa bebê- pesquisadora, quase mestra, conheceu as escritoras pretas com histórias semelhantes de lutas e esperanças, como a autora Conceição Evaristo e seus estudos desempenham um papel crucial na formação dos

trabalhadores pretos e pardos do PROEJA, oferecendo representatividade, desafiando estereótipos, e inspirando a busca pelo conhecimento e pelo empoderamento. Sua escrita e sua presença na literatura brasileira são um testemunho vivo da importância da diversidade e da luta pela igualdade racial no contexto educacional e na sociedade como um todo. Sendo assim, meu objetivo é que literaturas pretas testemunhais circulem alcançando aos alunos trabalhadores pretos como alcançou essa pesquisadora e alterou sua existência.

O último conjunto de reflexões que conectamos em nossa análise é a obra de Florestan Fernandes, que tem contribuí de maneira significativa para os cursos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) em vários aspectos importantes. Suas ideias e análises críticas sobre a sociedade brasileira e suas desigualdades sociais e econômicas têm um impacto particularmente relevante para os estudantes do PROEJA, que muitas vezes enfrentam desafios sociais e econômicos em sua jornada educacional.

A obra de Florestan Fernandes tem desempenhado um papel fundamental na formação de estudantes nos cursos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Suas contribuições abrangem várias áreas cruciais que são especialmente relevantes para os alunos do PROEJA, muitos dos quais enfrentam desafios sociais e econômicos significativos em suas vidas.

Uma das principais contribuições de Florestan Fernandes é sua análise crítica das desigualdades sociais no Brasil. Ele dedicou grande parte de sua obra a examinar as estruturas de poder, a concentração de riqueza e as barreiras enfrentadas pelos trabalhadores e comunidades marginalizadas. Essas análises oferecem uma base sólida para os estudantes do PROEJA compreenderem os desafios sociais que podem estar enfrentando em suas próprias vidas.

Além disso, Florestan Fernandes é conhecido por seu trabalho na sociologia da educação. Ele investigou como o sistema educacional brasileiro se relaciona com a mobilidade social e as oportunidades de educação. Essa área de pesquisa é particularmente relevante para os cursos do PROEJA, que buscam proporcionar uma educação inclusiva e transformadora para adultos que retornam à escola em busca de novas oportunidades.

Também percebemos as fragilidades nos discursos com relação a falsa democratização do trabalho que muitas vezes aliena o trabalhador em seu acesso e qualificação, criando barreiras para seu desenvolvimento social. A educação e o

trabalho são essenciais na constituição da sociedade e da história de vida das pessoas, não se restringe ao alienamento e a força de trabalho apenas para obter lucros e mais capital.

O Proeja tem uma formação política e formativa, portanto é preciso investir em mais Políticas Públicas, em gestões democráticas que tenham compromisso com os saberes e as experiências de vida da EJA, que centralize seus aprendizados e que muito mais do que uma formação para a competitividade se preocupe em formar sujeitos conscientes, críticos e que se importem com o Outro, não seja indiferente aos seus “tormentos da alma”, um dos pressupostos bakhtiniano de se pensar nas dificuldades que nós temos em escolher as palavras para narrar-nos e narrar o Outro, justamente porque como disse, as palavras não dão conta da complexidade que é o ser humano e somos por elas atormentados.

[...] normalmente atribuímos esses “tormentos da palavra” a falta delas para “expressar” nossas vivências, ou à impotência das palavras para transmitir tudo o que quer “falar a alma” (2019, p. 252).

Tomar os discursos como objeto de pesquisa significa saber que não há uma linearidade nos possíveis resultados porque somos ambíguos e as palavras não são exclusividade nossa, elas estão no mundo.

Essa pesquisa afetou a vida dessa pesquisadora nas mais diversas dimensões, possibilitou oportunidades, como a participação em seminários, convites para ser integrante do primeiro Grupo de Pesquisa Observatório do Proeja na Rede Federal e do grupo de pesquisa ConPas-UFRJ, participação nas rodas de conversas antirracistas, coordenação de duas sessões de trabalhos antirracistas no II Encontro de pesquisa narrativas na/da escola Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e fechamento de uma disciplina no curso de extensão na mesma universidade e trabalhos publicados na Revista da Educação Pública, do Cecierj.

**Imagem 9: Roda de conversa no fechamento da disciplina do curso da UFRJ sobre educação antirracista**



Fonte: A autora, 2023.

**Imagem 10: Divulgação nas redes sociais sobre a pesquisa nogrupo ConPAS**



Fonte: A autora, 2023.

## Imagem 11: Participação no II Encontro de Pesquisa Narrativa na Roda de conversa do Eixo da educação antirracista



Fonte: A autora, 2023.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A reflexão teórica apresentada neste trabalho busca estabelecer a possibilidade de desenvolver uma Educação Profissional e Tecnológica (EPT) crítica e emancipatória nas questões étnico raciais no âmbito dos cursos de Proeja do Colégio Pedro II. Para isso, retomamos as bases teóricas da Educação Profissional e realizamos reflexões profundas sobre a centralidade do trabalho na proposição dessas reflexões.

Nessa mesma linha de pensamento, compreendemos que o trabalho como princípio educativo só se efetiva quando é contextualizado de forma histórica e social, com uma compreensão consciente do processo produtivo em todas as suas etapas e dimensões, evitando a dicotomia entre a produção manual e intelectual.

É crucial destacar o papel fundamental do discurso contra-hegemônico na construção de uma Educação Profissional crítica. Essa abordagem permite enxergar o mundo do trabalho não como mera mão de obra alienada, mas como um espaço onde sujeitos atravessam diversas identidades culturais e contribuem para desafiar e transformar o processo hegemônico em vigor.

Sou uma pesquisadora e mulher, negra, mãe, esposa, trabalhadora, periférica, professora da Educação Básica em uma escola da periferia no município do Rio de Janeiro que, ao ingressar em 2020 no mestrado, tinha o objetivo de estudar as vozes infantis nas relações étnico-raciais e os afetos negativos do racismo na minha turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, no primeiro segmento, mas por ser um mestrado profissional e tecnológico, houve necessidade de flexibilidade no que havia pensado para aderir ao programa, que é voltado para o mundo do trabalho, sendo assim, encontrei no Proeja meu lócus de pesquisa.

É importante escrever que a pesquisa transformou minha prática docente no que concerne ao letramento racial, porque descolonizou meus saberes epistemológicos; hoje sou uma professora antirracista, não orbito sobre o racismo e sou contra seus discursos polifônicos, seja recreativo, cotidiano, individual, intrínseco, extrínseco, ou qualquer microagressão que violenta a subjetividade das pessoas negras.

Tenho algumas respostas para dar para mim mesma, através dos referenciais apresentados na pesquisa, não falo mais pela voz de terceiros, embora eu entenda bakhtinianamente que nossos discursos são plenos dos ecos dos outros, mas, nesse

sentido, a voz que me refiro é aquela não mais silenciada, amordaçada e violentada. Tenho respostas para dar ao meu filho quando, no início da dissertação, não se reconhecia como preto e não percebia as microagressões raciais em seu cotidiano, a literatura de autores pretos têm atravessado suas ações responsivas no mundo porque minha casa virou uma biblioteca de autores pretos. E as conversas raciais fazem parte da nossa, percebo mudanças quando dialogamos, na identificação das sutilezas em situações de racismo, seus desenhos não são mais de um menino branco, nas observações das posições que as pessoas brancas ocupam em determinados cargos de gerência e de pessoas pretas em cargos de limpeza. A escola que frequenta é embranquecida, a maioria de suas percepções são tecidas nesse espaço e nos livros que ler.

A pesquisa começou em mim e tem criado ressonâncias em seu comportamento e amadurecimento, que entendo como políticos. Uma cena desse ato político aconteceu uma certa vez, por iniciativa própria ir à sala do diretor branco da escola para conversar sobre as ausências de professores pretos, questionando por que tem apenas uma professora preta na escola e as outras pessoas pretas que têm são faxineiras. Corajosamente perguntou ao diretor se não teria vaga para eu trabalhar na escola como docente ou como diretora porque nas palavras dele sou boa no que eu faço. Sua consciência e aceitação mudaram muito nessa minha jornada que também embarcou.

Hoje sei que o objeto de estudo na ADD, que é o discurso está para além do texto dissertativo e conversando com meu orientador, professor Rodrigo Trevisano a respeito desse espiral de possibilidades que a pesquisa me possibilitado, ele me incentivou a conectar minha docência, o grupo de pesquisa ConPAS e todo o caminho aberto, à tessitura da dissertação, não tinha dimensão de como experienciaria as muitas serendipidades e de que tudo que eu fazia, era dissertação.

É um assunto que não se esgotará com a pesquisa porque ela é a própria vida sendo reescrita com luta e esperança por todos os alunos pretos em todas as modalidades de ensino nesse mundo.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Júlia Romeu. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2009.
- ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 191-200.
- BEZERRA, Paulo. **Problemática da poética de Dostoievsky**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 17. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1988.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação – 2020**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano\\_nacional\\_de\\_educacao/relatorio\\_do\\_terceiro\\_ciclo\\_de\\_monitoramento\\_das\\_metas\\_do\\_plano\\_nacional\\_de\\_educacao.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano_nacional_de_educacao/relatorio_do_terceiro_ciclo_de_monitoramento_das_metas_do_plano_nacional_de_educacao.pdf). Acesso em: 04 maio 2022.
- BRASIL. **Lei n. 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2014]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm). Acesso em: 04 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). **Documento Base**. MEC: SETEC, Brasília, DF, 2007.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira/ Cuti**- São Paulo: Selo Negro, 2010.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. Apresentação de Lília Schwarcz. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.
- FERNANDES, Florestan. **Memória vida da educação brasileira**. [S.l.: s.n.], s/d.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução: Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

JANGO, Caroline F. **“Aqui tem racismo”**: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras na escola. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. Educação e trabalho; raça e classe no pensamento de um intelectual negro: Manuel Querino – Bahia (1870-1920). *Revista Brasileira de História da Educação*, [s.l.], v. 20, e 123, p. 1-27, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/vnJWvgyckCH3XpDVP65Dcnn/?lang=pt>. Acesso em: 08 maio 2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

MOURA, D. H. Investigando a implementação do ensino médio integrado aos cursos técnicos de nível médio no CEFET-RN a partir de 2005, o currículo e gestão: relatório de pesquisa. Natal: IFRN, 2011.

MOURA, Dante Henrique. programa nacional de integração da educação profissional com a educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos – Proeja: entre potencialidades e entraves diante de projetos societários em disputa. **Educação profissional e tecnológica em revista**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 5-26, 2017. DOI: 10.36524/ept.v1i1.355. Disponível em: <https://doi.org/10.36524/ept.v1i1.355>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Cem Anos e Mais de Bibliografia sobre o Negro no Brasil**. (Obra revisada, corrigida e ampliada – classificação por assunto) – Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Africanos Fundação Cultural Palmares. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 777- 796, 2009.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci. Brasil.** São Paulo: Cortez Editora, 2018.

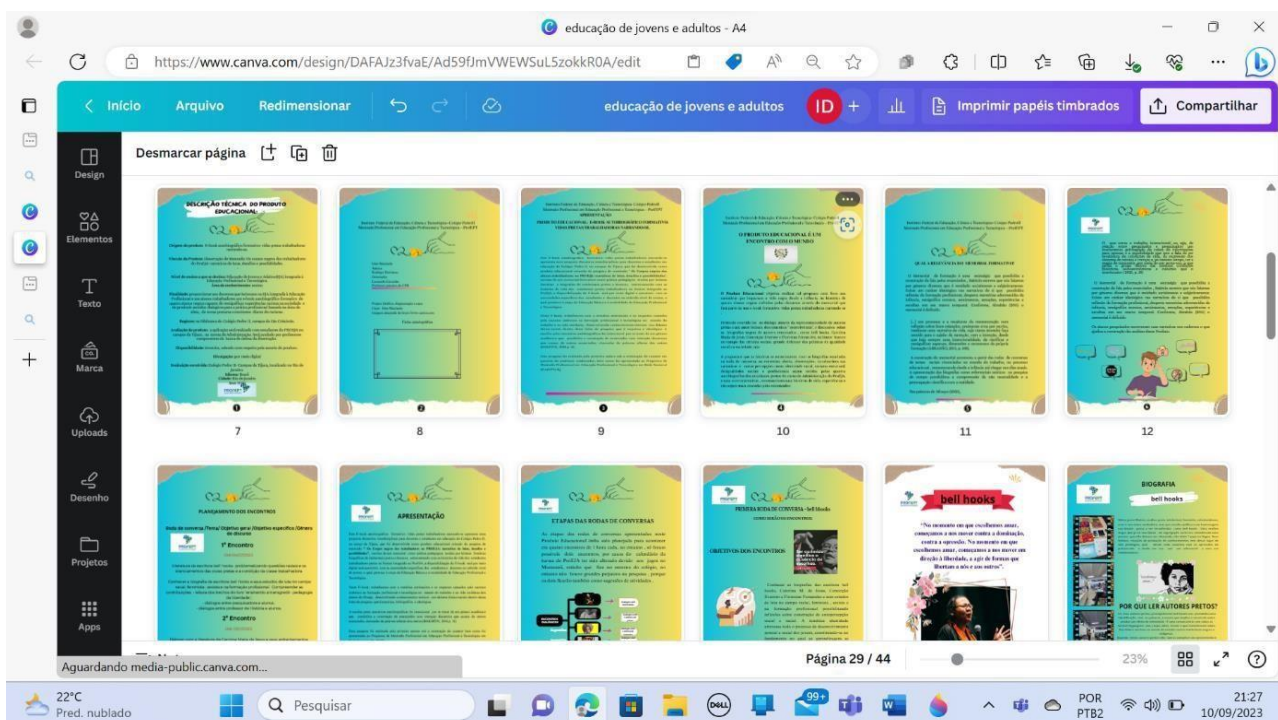
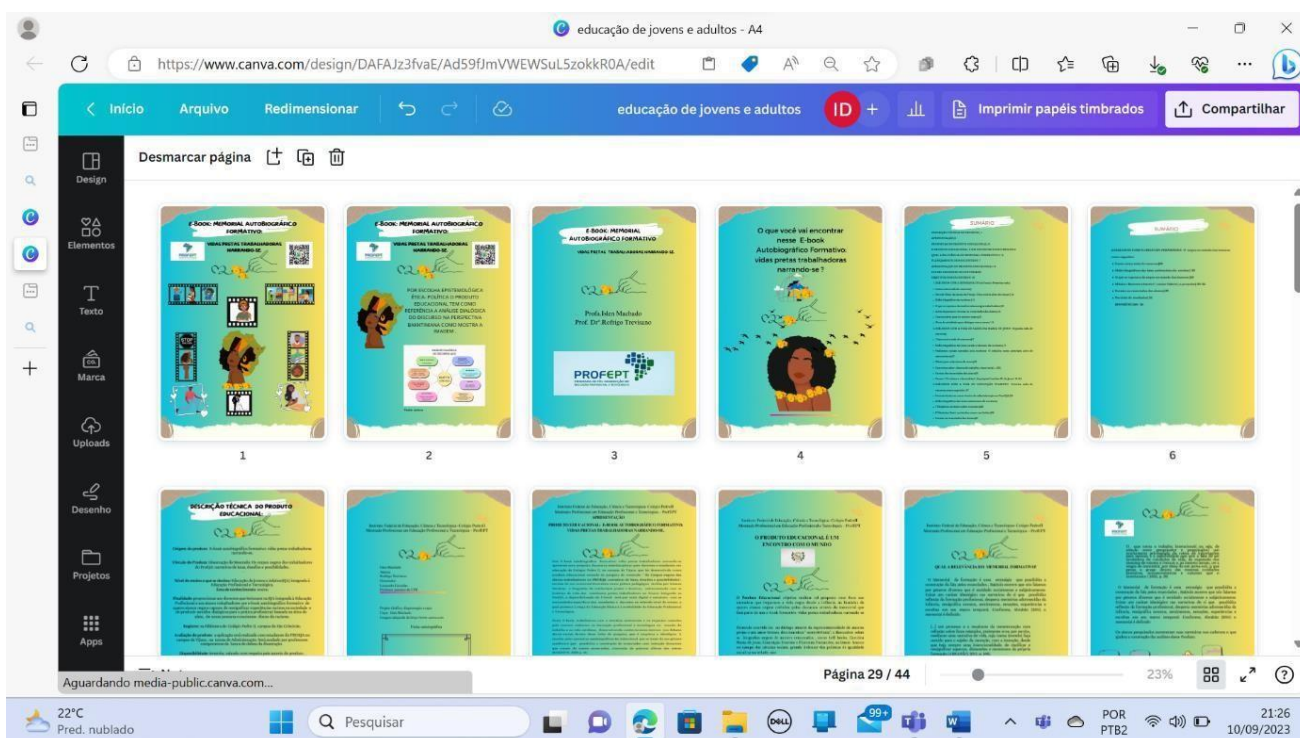
RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

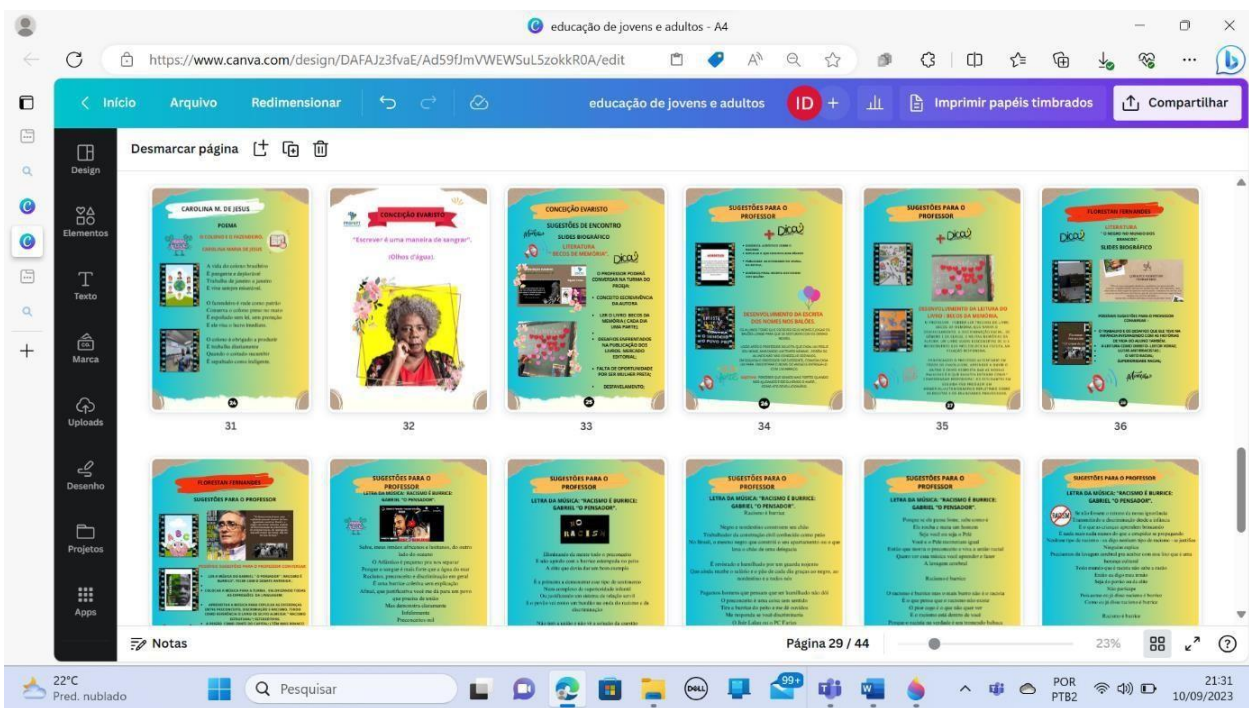
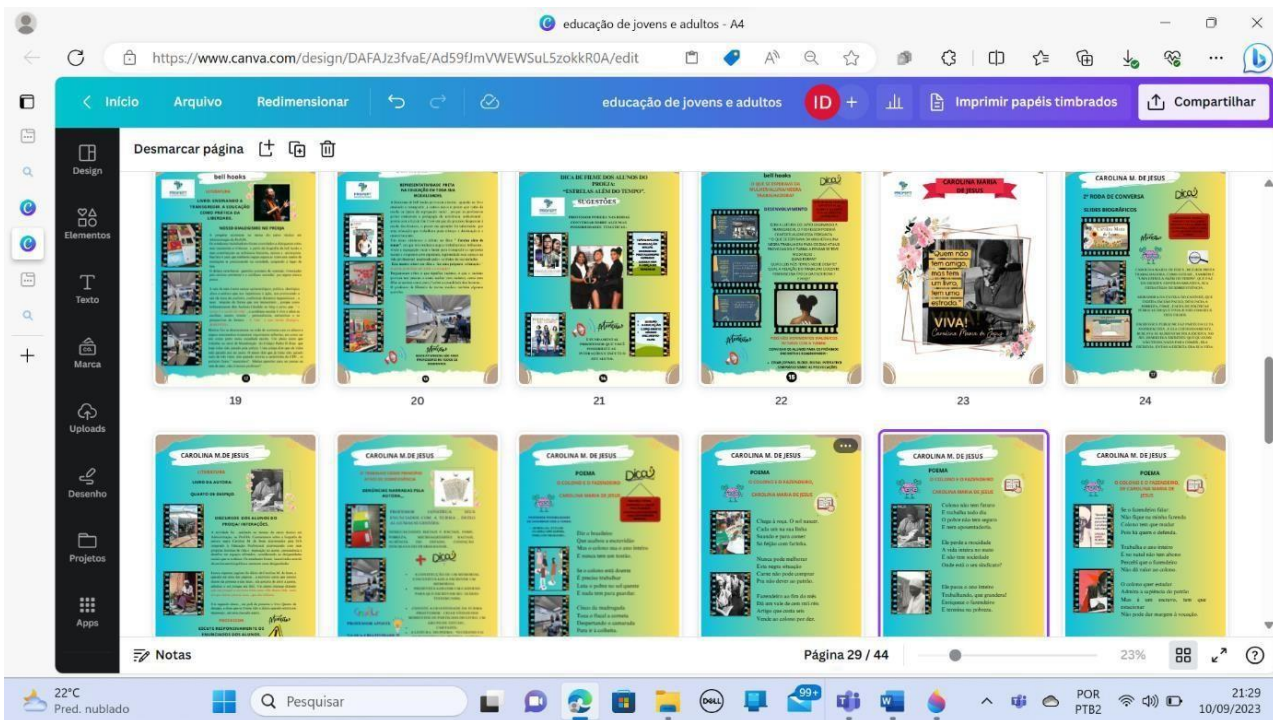
ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Etnografia indígena do Brasil:** o estado atual dos nossos conhecimentos (trabalho apresentado no Quarto Congresso Médico Latino-Americano). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

SILVEIRA; L.; LEÃO, N. O impacto da segregação ocupacional por gênero e raça na desigualdade de renda no Brasil em três décadas (1986-2015). **Revista Latinoamericana de Población**, [s.l.], v. 14, n. 27, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31406/relap2020.v14.i12.n27.2>. Acesso em: 10 ago. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In:* VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 109-146.

## APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL





educação de jovens e adultos - A4

https://www.canva.com/design/DAFAJz3fvaE/Ad59TjmVWEWSuL5zokkR0A/edit

educação de jovens e adultos ID + Imprimir papéis timbrados Compartilhar

Desmarcar página

Design Elementos Texto Marca Uploads Desenho Projetos

SUGESTÕES PARA O PROFESSOR

LETRA DA MÚSICA: "RACISMO E BURRICE SUGEREM 'O PENSADOR'"

SUGESTÕES PARA O PROFESSOR

LETRA DA MÚSICA: "RACISMO E BURRICE SUGEREM 'O PENSADOR'"

SUGESTÕES PARA O PROFESSOR

LETRA DA MÚSICA: "RACISMO E BURRICE SUGEREM 'O PENSADOR'"

SUGESTÕES PARA O PROFESSOR

LETRA DA MÚSICA: "RACISMO E BURRICE SUGEREM 'O PENSADOR'"

PREVISO DE RESULTADO

REFERÊNCIAS

Notas

Página 29 / 44 23%

22°C Pred. nublado

Pesquisar

99%

POR PTBZ

21:33 10/09/2023

**APÊNDICE B – PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS NO CURSO TÉCNICO DE  
ADMINISTRAÇÃO DO PROEJA/E-BOOK FORMATIVO**

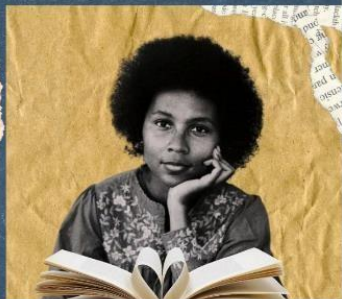
<b>Roda de conversa</b>	<b>Tema</b>	<b>Objetivo geral</b>	<b>Objetivo específico</b>	<b>Gênero do discurso</b>
<b>1º Encontro</b>	Literatura da escritora bell hooks- problematizando questões raciais e os silenciamentos das vozes pretas e a condição da classe trabalhadora.	Conhecer a biografia da escritora bell hooks e seus estudos de luta no campo racial, feminista, sexista e na formação profissional.	Compreender as contribuições e o legado étnico-racial da escritora bell hooks atravessados pela formação da classe trabalhadora.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. leitura dos trechos do livro “ensinando a transgredir- pedagogia da liberdade.”;</li> <li>2. diálogos entre pesquisadora e alunos ;</li> <li>3. diálogos entre professor de História e alunos;</li> </ol>
<b>2º Encontro</b>	Diálogo com a literatura “ O Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus e seus enfrentamentos sociais e denúncias da favela.	Investigar os impactos narrativos na literatura de testemunho da autora.	Denunciar as desigualdades sociais e raciais da favela.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Problematização da roda anterior;</li> <li>2. Acolher as escutas dos alunos;</li> <li>3. Distribuição dos diários para a escrita do memorial;</li> <li>4. Diálogo sobre o</li> </ol>

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE C – SLIDES DA APRESENTAÇÃO DAS OBRAS



## O que significa ler autores negros, como bell hooks?



- PENSAR NO LUGAR DA EXPERIÊNCIA- CONHECIMENTO
- TEORIA=PRÁTICA DE CURA (AUTORECUPERAÇÃO)
- VALORIZAÇÃO DO LUGAR SOCIAL;
- O RACISMO COMO UM CURRÍCULO OCULTO;

## A ESCOLA MUDOU...


**" A ESCOLA MUDOU COM A INTEGRAÇÃO RACIAL".**  
( 2017, p. 11)



Da esquerda para direita: Buddy Trammell ("Nós, estudantes da escolha Clinton, não queremos negros em nossa escola"), Max Stiles ("Não iremos para a escola com negros") e Tommy Sanders "(Greve contra a integração na Clinton)", estudantes da Clinton High School, na cidade de Clinton, Tennessee, fazem protesto após sua escola apoiar a integração, em 27 de agosto de 1956.

**" Naquela época ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase-do prazer e do perigo". (2017,p.11)**

Como era ser uma aluna preta?

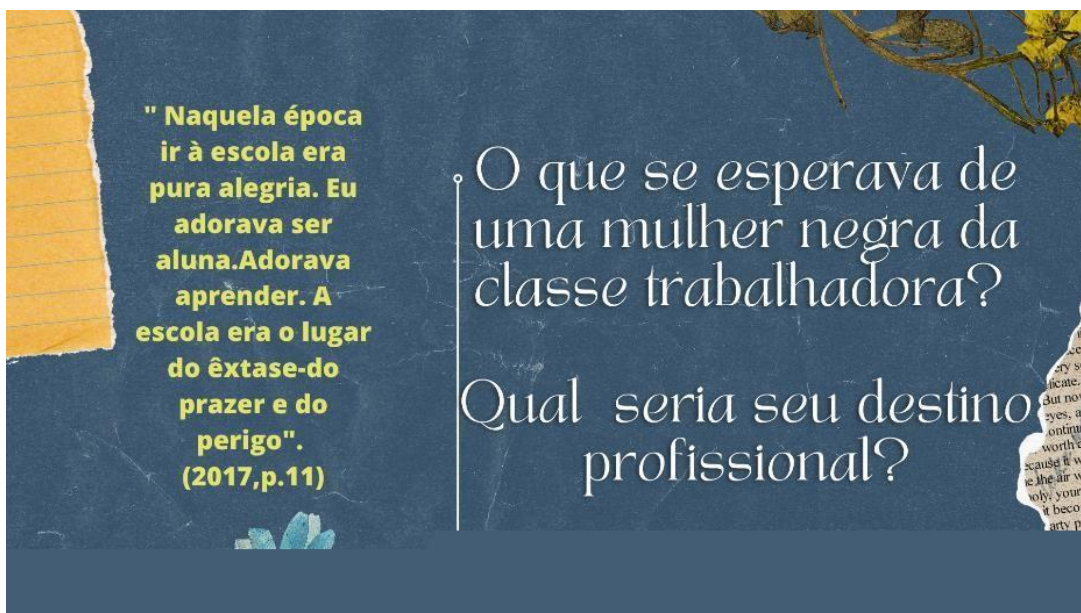


Sala de aula segregada no interior do Estado da Geórgia, em 1941.

Qual era a concepção de autoestima?

**DEFRUTAR DO NOSSO FRUTO DO TRABALHO**





## APÊNDICE D – SLIDES DA OBRA DE CONVERSA 2

